

## NA PASSAGEM DO 3.º ANIVERSÁRIO

É COM compreensível regozijo que assinalamos hoje mais um aniversário do «Noticias do Algarve».

Completaram-se três anos sobre a data do seu aparecimento ao público. E se três anos são apenas um ápice na eternidade do tempo, não é menos certo que na vida de um jornal, mesmo quando se trata de um pequeno semanário provinciano, sem outras aspirações que não sejam servir a sua terra e a Província, contribuindo, embora modestamente, para o seu progresso, esses três curtos anos representam larga soma de trabalho, de canseiras e dissabores — de que só nos sentimos recompensados pela satisfação íntima de ter contribuído com uma razoável parcela de esforço em benefício do bem comum.

Se, por vezes, a acção do nosso jornal não correspondeu, com a amplitude que desejaríamos, aos objecti-

vos e propósitos que nos animam, e cuja linha de rumo esboçámos, a largos traços, no editorial do primeiro número, isso deve-se a limitações de ordem vária, impostas por circunstâncias alheias à nossa vontade — e presumimos que comuns a todos os que se dedicam a este anónimo e in-

(CONTINUA NA 14.ª PAGINA)

### NA CASA DO ALGARVE

## HOMENAGEM À IMPRENSA ALGARVIA

CONFORME estava anunciado, realizou-se no dia 10 do corrente, na Casa do Algarve, em Lisboa, o almoço de confraternização, durante o qual se prestou homenagem ao relevante mérito e dedicado esforço regionalista dos jornalistas algarvios srs. Julião Quintinha, José Barão, prof. dr. José D. Garcia Domingues e dr. Mário Lyster Franco.

Assistiram cerca de cem convivas, entre os quais muitas senho-

### CRÓNICA AMENA

## CIDADE IDEAL

Por JULIÃO QUINTINHA

NÃO me recordo já da bela cidade onde colhi estas impressões...

... Só te digo que era uma vasta praça, com belas árvores, flores e fontes, de um sossego tranquilizador, onde não chegava o tumulto da feira das vaidades, das ambições e dos negócios.

Era tal o silêncio, quando anoitecia, que se ouvia, distintamente, o voar das aves e a mi-

sica das águas. E o homem, nesse ambiente, sentia-se muito mais disposto a meditar na sua vida imperfeita, do que a preocupar-se com a vida dos seus semelhantes...

Por entre os densos arvoredos erguiam-se edifícios brancos, esca-darias e pórticos de mármore, que pela arquitectura logo indicavam ser templos. Um deles, com suas velhas estátuas góticas, onde poisavam pombas, era o templo dos cristãos. Outro, de altos minaretes encimados com a meia lua, era, sem dúvida, mesquita para o culto maometano. Mais além, distinguia-se uma sinagoga dos israelitas e, certamente, outros edifícios seriam destinados aos adeptos de diversos credos religiosos e políticos.

Em certos dias, nas horas próprias, entravam e saíam dessas casas pessoas de todas as classes e categorias, que depois se cruzavam na praça, sem se incomodarem umas às outras, antes saudando-se respeitosamente com demonstrações de estima, de tolerância, conversando até afectuosamente, e seguindo, depois, calmamente, ao seu destino...

A praça retomava, então, o

(CONCLUÍ NA 14.ª PAGINA)

## HOMENAGEM à Direcção

do Instituto Português de Cons. do Peixe

Por iniciativa dos funcionários das Delegações do Instituto Português de Conservas de Peixe no Algarve (Vila Real, Olhão, Portimão e Lagos), realiza-se hoje, no Hotel Central das Caldas de Monchique, um almoço de homenagem à Direcção daquele organismo de coordenação económica, que é constituída pelos srs. dr. António Ladislau Durão Ferreira, eng. António Pinheiro de Magalhães Júnior e comandante Horácio Anjos de Carvalho, os quais desde ontem se encontram no Algarve.

## A LOTA mais cara do País

DESDE há anos que a nossa lota é a mais cara do País, em consequência de se ter constituído em fonte de abastecimento dos centros conserveiros do Algarve e por ser também uma das mais preferidas pelos fornecedores de peixe ao consumo, graças às facilidades de acesso que estes passaram a ter ao interior, através da estrada que liga este porto a Beja, grande melhoramento que a região sotaventina

(CONCLUÍ NA 13.ª PAGINA)

## JULIÃO QUINTINHA

Pelo DR. VERGÍLIO PASSOS

É UMA das figuras literárias algarvias de maior relevo. Porque atingiu setenta anos, os seus confrades, em Lisboa, têm-lhe promovido uma série de justas homenagens, que culminaram, ante-ontem, no

### NOVO CHEFE DE TRABALHOS da JUNTA AUTÓNOMA NESTE PORTO

Pelo engenheiro-chefe, sr. eng. Rosado Pereira, foi empossado, no dia 8 do corrente, no cargo de Chefe de Trabalhos da J. A. P. S. A. neste porto o agente técnico de engenharia sr. João Rodrigo Martins Mata-Mouras, em substituição do nosso prezado amigo sr. Luís Cardoso de Figueiredo, que fora aposentado.

Ao empossado desejamos as maiores felicidades no desempenho do seu cargo nesta vila.

vasto salão da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Nascido em Silves, aí lutou nos primeiros anos da sua juventude. Nas cidades de Silves e de Portimão, desempenhou importantes cargos públicos. Desde muito novo, Julião Quintinha dedicou-se ao jornalismo, tendo fundado o semanário «Alma Algarvia», que teve grande repercussão em toda a Província. Todavia, o Algarve era muito pequeno para os seus sonhos literários, e, em 1920, fixou-se em Lisboa, ingressando, então, no jornalismo profissional, onde até hoje tem lutado, dia a dia, para viver sómente da pena.

As obras onde o escritor mais se tem evidenciado

são, sem dúvida, as de assuntos coloniais, devido a uma longa viagem de dois anos, que fez através de África, como representante do «Jornal Europa». No continente negro, recolheu Julião Quintinha preciosos elementos para os seus livros, entre eles os premiados: «A Derrocada do Império» (CONCLUÍ NA 14.ª PAGINA)

### UMA CONFERÊNCIA DE JOÃO BRÁS

A POESIA DE EMILIANO DA COSTA

O poeta e crítico literário João Brás realiza na quinta-feira, às 21,30 horas, na Casa do Algarve, uma conferência sobre a «Poesia de Emiliano da Costa», o poeta algarvio de maior relevo na actualidade.



Um trecho do Canal da Conduta Geral de Silves

## MEDITAÇÃO ante um lago de água azul

SE eu fosse deísta, creio que adoraria o sol e depois dele, o fogo e a água, esses elementos primários sem os quais a vida seria impossível. O homem primitivo, ignorante e temeroso, prestou culto a essas coisas que a Natureza lhe ofereceu sem lhe exigir o ritual disciplinado que impõem as religiões. Era um culto instintivo, bárbaro, mas um culto sincero, um agradecimento que nós não sabemos como o teria exprimido o primeiro homem, mas por força que ele o manifestaria nos esgares simiescos da alegria, quando se podia desseden-

tar num regato fresco de água cristalina ou banhar-se nalgum pego ou lagoa sombreada pelas árvores gigantes das florestas contemporâneas das primeiras idades humanas. Sem a

(CONCLUÍ NA 14.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Alicerce

Um mentiroso à minha beira. Camisa aos quadrinhos, remendada, e calças justas às canelas, de cor indefinida. Na camisa e nas calças brilham chapadas de cal ainda fresca. Servente de pedreiro, eis o que será. Não mentiroso. Não alguma coisa. Servente de pedreiro. Manchas de cal. despregado e fundamental alicerce daquelas imensas casas de rendas alucinantes.

### Continuação, como nos folhetins

Sou muito, muito, oh!, muito estúpida. Dá-me vontade de imitar os rapasinhos da minha rua, passar repetidas vezes a mão espalmada diante dos olhos e dizer: «Ando assim!» Pois dizia eu que era uma criança? Tonta! Agora, que desprezou os olhos da rua e se voltou para mim, posso olhá-lo hem. É um velhinho. Tem a pele negra e dobrada em miudinho, como a minha saia em plissado. Parece que se agarrou num lápis e se traçou o papel de riscos desencontrados, ao acaso. Especialmente os olhos. São miudos e insignificantes, esquecidos da sua grandesa de flores reais. Ah, a vida aprececa olhinhos

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## OLHÃO vai homenagear

o saudoso clínico

DR. LUIS BERNARDINO DA SILVA

Está a constituir-se em Olhão uma Comissão encarregada de angariar donativos para uma memória que aquela vila vai erigir em homenagem ao prestigioso clínico olhanense e benemérito local, sr. dr. Luís Bernardino da Silva, recentemente

(CONTINUA NA 14.ª PAGINA)



Os Jornalistas algarvios homenageados pela Casa do Algarve, na companhia dos srs. deputado Sousa Rosal, major Mateus Moreno, dr. Quirino Mealha e eng. José António Madeira

## UMA SENTENÇA PERIGOSA

Pelo DR. F. FERNANDES LOPES

ENCONTRO num excelente livro recente, «La Renaissance italienne», de Fred. Bérance, a propósito da arte de Giotto, relembro, um conceito do grande Leonardo:

«O pintor que toma como modelo absoluto as obras de outros pintores não fará nunca senão obras medíocres, mas se tomar a Natureza para fim dos seus estudos, produzirá bons frutos. É o que nos mostram os pintores que trabalharam depois da época romana e dos quais um imitava sempre o outro, de tal maneira que, de século para século, a sua arte ia caindo sempre mais em decadência. Depois veio Giotto, o Florentino, nascido de uma região solitária. Ele começou, incitado pela própria natureza, a desenhar sobre pedras todos os animais que via. Desta maneira, após longos estudos, tornou-se não somente o mestre dos artistas da sua época, mas de todos os artistas no decurso dos séculos seguintes. Depois dele, a arte recuou em decadência durante mais de um século, porque os pintores começaram a imitar as obras de Giotto.»

Claro que: se, na consideração

### «Noticias do Algarve»

Por ter sido necessário confeccionar maior número de páginas para este número especial, comemorativo do nosso III aniversário, não nos foi possível publicar o nosso jornal na semana passada, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

# Notícias PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Emilio Garcia Ramirez, conceituado industrial.

De visita a seus pais, esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Travassos, agente técnico de engenharia, residente em Lisboa.

A fim de se juntar a seu marido, nosso estimado conterrâneo e assinante, sr. subtenente Sebastião Gomes Peres, seguiu no «Uige» para Luanda, a sr.ª D. Juliana Gomes Peres, acompanhada de suas filhas sr.ªs D. Maria Suzete e D. Maria Fernandes.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa o nosso prezado amigo e assinante o industrial sr. António dos Santos Rita.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado amigo sr. A'lvoro Duarte Gomes, viajante da Soc. de Representação Cupertino de Miranda, do Porto.

Seguiu para Beja, de visita a seu filho, o nosso estimado amigo e assinante sr. António da Cruz Martins.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado amigo sr. Manuel Faria Sousa, jornalista na vizinha cidade de Ayamonte.

Em gozo de férias, encontra-se entre nós, já há alguns dias, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. José Barão, ilustre jornalista do importante diário lisboeta «O Século».

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa o sr. agente técnico de engenharia, João Ricardo Néné, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Teófilo Rita Néné.

De visita a seus pais esteve entre nós o sr. Dante Barbosa Guerreiro nosso prezado assinante em Lisboa.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso amigo e assinante em Lisboa, sr. João do Brito Cerina.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa onde reside o nosso prezado amigo e assinante sr. Renato Adriano da Cruz.

Regressou a Lisboa o nosso amigo sr. José Norberto Pereira Domingues, estudante de engenharia em Lisboa, que tinha vindo passar com sua família o seu aniversário natalício.

A fim de ser presente à junta médica, para efeitos de aposentação deslocou-se à cidade de Évora, tendo já regressado, o nosso prezado assinante sr. António Joaquim Guerreiro.

De visita a seu irmão encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Maria Antunes Caldeira, filha do nosso prezado assinante sr. Francisco Vicente Caldeira.

Regressou de Lisboa, onde passou alguns dias o nosso prezado assinante sr. João Fernandes Vaz Velho.

## COMPARTICIPAÇÕES

para melhoramentos públicos

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, as seguintes participações, para melhoramentos públicos no Algarve:

À Câmara Municipal de Vila Real de Santo António: para construção do caminho de acesso à praia de Santo António, reforço, 7.500\$00; para os arruamentos de acesso às escolas de Vila Nova de Cacela, reforço, 20.000\$;

À Câmara Municipal de Tavira, para ampliação e reconstrução dos Paços do Concelho, reforço, 100.000\$00;

Aos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Silves, para ampliação da rede de baixa tensão de Alcantarilha-Estação, 51.200\$00.

## CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tenros das crianças do povo, gosta de chupá-los, saboreá-los gulosamente...

Chega-se mais para a janela, para evitar sujar-me o vestido com as manchas frescas de cal. Torna a voltar-se para a rua e debruça-se todo para falar a um companheiro que atravessa a linha.

Sorri, satisfeito do encontro. O sorriso demora-se pouco nos lábios gretados, como uma ave espantadiça. Puxa o boné para os olhos e num instante adormece. E enquanto dorme, a perna baloiça, como fazem as crianças que ainda são crianças.

## Não concordam?

As pessoas que falam muito em fome de Belesa, fome de ilusão, fome do irreal, de uma coisa podemos nós estar certos: é que fome de pão nunca sentiram.

## Fernão Lopes, esse desconhecido

Lembram-se de eu ter-lhes dito que, em arte, não entendo os planos sem a presença humana? E' por isso que tanto admiro Fernão Lopes. Na sua paisagem não há bonecos, figuras de gesso que fizeram e aconteceram. Há pessoas que viveram e, porque viveram, e porque Fernão, neorealisticamente, as apresenta em movimento numa sociedade em movimento, conseguiram chegar até aos nossos dias sem nada haver perdido do seu corpo nem de alma.

Sim, é por isso que tanto admiro Fernão Lopes. E não sei por que motivo não anda ele por aí nas mãos do povo, deste «povo miúdo» que ele tanto amou.

Permitam-me que transcreva uma página em que Fernão Lopes nos descreve Leonor Teles:

«Se os antigos que louvaram as nobres mulheres vissem no tempo de Rainha Dona Leonor, muito errariam em seu escrever se a não pusessem no conto das mais famosas. Porque, se o dom da formosura, de todos muito preçado, fez a algumas ganhar perpetua nome, deste houve ela tão grande parte, acompanhada de tão prazível graça, que aquela que o mais desejasse seria assaz contente com o que a Natureza a ela deu, bem como sajeza de costumes e grande avisamento; e de nenhuma cousa que a prudente mulher pertença, era ignorante. Foi mulher muito inteira e de coração cavaleiroso buscador de maravilhosas artes, por firmeza do seu estado. (...) e onde entendia fazer grande dano, ajava mortais empedimentos com mostrança de todo o contrário...»

Maria Manuela Nunes

## EXPOSIÇÃO de MANUEL CABANAS NO BARREIRO

Englobada no programa das festas comemorativas da inauguração do ginásio-sede do Futebol Clube Barreirense e com representação da Câmara Municipal e de outras individualidades locais, foi inaugurada, num dos salões do ginásio, uma exposição de trabalhos de madeira, executados pelo distinto artista sr. Manuel dos Santos Cabanas. A aludida exposição, que comporta 119 lindas gravuras, esteve patente ao público até ante-ontem.



**PORTO RAINHA SANTA**

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.  
Vila Nova de Gaia

**VENDEM-SE**

Automóveis com direito a esta praça.  
Tratar com António Ruivo Madeira — Vila Real de Santo António.

**RENDEIRO OU MEIRO**

Precisa-se para uma propriedade no sítio do Murtal, freguesia do Azinhal, Castro Marim, com a área de 45 Ha., sendo parte de regadio com motor.

Enviar propostas até 15 de Julho para A. Teixeira de Azevedo, Rua Filipe Folque, 20-4.º — Lisboa.

## TOMOU POSSE O NOVO PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE CASTRO MARIM

No Gabinete do Chefe do Distrito, realizou-se, no passado dia 8 do corrente, a cerimónia da posse do sr. capitão Lufs Vaz Antunes, no cargo de presidente da Câmara Municipal de Castro Marim, para que fora recentemente nomeado por portaria do sr. ministro do Interior.

Presidindo à cerimónia, esteve presente o sr. eng. Mascarenhas Gaivão, ilustre Governador Civil do Distrito, ladeado pelos srs. dr. José Correia do Nascimento, presidente da Comissão Distrital da União Nacional; dr. Luís Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Faro e do empossado.

Entre a numerosa assistência conatvada, além de toda a vereação de Castro Marim, os srs. drs. José Afonso Gomes e Francisco dos Santos Dias, sub-delegados de Saúde em Castro Marim e Vila Real de Santo António, e muitas pessoas de destaque no meio.

O auto de posse foi lido pelo sr. dr. Manuel da Fonseca, secretário do Governo Civil.

Seguidamente, o sr. Governador Civil, num breve discurso, salientou as qualidades do empossado, demonstradas no desempenho de serviços públicos que mereceram os maiores louvores, e aproveitou a ocasião para agradecer os serviços prestados, durante vários anos, ao concelho pelo sr. Jacinto Andrade de Figueiredo, como vice-presidente em exercício.

O sr. capitão Vaz Antunes agradeceu as palavras elogiosas do sr. Governador Civil e a presença das diversas individualidades.

**FUNDIÇÃO DE FERRO**

SERRALHARIA

SOLDADURAS

GUINCHOS PARA TRINEIRAS

**JOSÉ DE LIMA**

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
TELEF. 208

## Falecimentos

**João Gil**

No passado dia 1, faleceu nesta vila, o sr. João Gil, de 78 anos de idade, funcionário de finanças, aposentado, natural de Faro, e há longos anos residente na nossa terra, onde era geralmente estimado.

O extinto, que há alguns meses se encontrava doente, deixa viúva a sr.ª D. Bernarda Guerreiro Feijão Gil e era pai das sr.ªs D. Maria Irene Gil e D. Maria de Lurdes Ritta Teixeira e dos nossos estimados amigos srs. Flaminio José Gil, funcionário da F. N. P. T. e José Ritta, tesoureiro da Fazenda Pública em Loulé, e sogro do sr. eng. A'lvoro Gomes Teixeira, residente em Lisboa.

A toda a família enlutada, e especialmente aos nossos queridos amigos srs. Flaminio José Gil e José Ritta, apresentamos sinceras condolências.

**D. Augusta dos Santos Tenório**

No passado dia 5 do corrente, faleceu nesta vila a sr.ª D. Augusta dos Santos Tenório, de 86 anos de idade, viúva, natural desta vila.

A extinta era mãe das sr.ªs D. Elisa Tenório Mendes e D. Maria Tenório da Silva, sogra dos nossos assinantes srs. João Mendes e Manuel Félix da Silva e avó dos srs. Américo Tenório da Silva, empregado comercial e de A'lvoro Tenório da Silva ajudante técnico de Farmácia, nosso assinante em Lavradio.

À família enlutada, «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências.

# AGENDA

## MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 1 a 14 de Junho:

TRAINEIRAS	
Aldita	458.400\$00
Deolinda Rita	355.950\$00
Maria Rosa	312.900\$00
Flor do Guadiana	309.930\$00
Triunfante	297.800\$00
Brisa	268.700\$00
Levante	253.990\$00
Leste	252.000\$00
Raulito	240.770\$00
Sul	232.960\$00
Ramira	207.255\$00
Pinguim	207.080\$00
Audaz	200.375\$00
Infante	200.340\$00
Rajada	195.790\$00
Lenita	189.560\$00
Maria Benedito	154.830\$00
Belcine	150.600\$00
Sr.ª da Piedade	147.485\$00
Trio	144.970\$00
Novo S. José	136.170\$00
Agadão	136.050\$00
Oca	136.000\$00
Satúrnia	134.630\$00
Restauração	123.630\$00
Praia Amélia	122.730\$00
Oressa	119.400\$00
Tozé	118.130\$00
Costa d'Oiro	116.090\$00
Marisol	107.130\$00
Oeste	94.740\$00
Lola	94.170\$00
Flor do Sul	93.720\$00
Liberta	93.400\$00
Costa Azul	92.390\$00
Salvadora	89.550\$00
Alvarito	85.945\$00
Sol	81.650\$00
Cine	80.585\$00
Nova Forcada	76.560\$00
Tóluis	76.560\$00
Lua Nova	76.280\$00
Alzirinha	75.190\$00
Janita	75.070\$00
Arrifana	74.990\$00
Gracinha	73.845\$00
Portugal IV	72.310\$00
Lusitana	70.300\$00
Ocresa	68.880\$00
N. Sr.ª da Pompeia	60.180\$00
Ponsul	59.450\$00
Dorita	59.250\$00
S. Flávio	58.040\$00
Laurita	57.390\$00
Virgem te Guie	56.600\$00
Sete Estrelas	55.840\$00
La Rose	54.650\$00
Mélinha	53.490\$00
Milita	53.350\$00
Pérola de Lagos	53.190\$00
Estrela de Maio	51.280\$00
Anjo da Guarda	47.360\$00
Leãozinho	47.340\$00
Marisa	46.930\$00
N.ª Sr.ª da Graça	46.090\$00
Maria Odete	45.860\$00
Pérola do Guadiana	45.110\$00
António Pedro	42.940\$00
Marisabel	42.750\$00
Maria Sérgio	42.680\$00
Nisa	42.155\$00
Luís Fernando	41.890\$00
Taninha	40.700\$00
Flora	40.300\$00
Farihão	40.200\$00
Mirita	39.820\$00
Persistente	39.560\$00
S. Paulo	39.390\$00
Borges do Rêgo	39.200\$00
Jomanel	37.125\$00
Afonso Mannel	37.120\$00
Praia do Vau	35.450\$00
Pérola do Arade	35.160\$00
Portugal VI	32.950\$00
Boreal	32.800\$00
Fóia	30.526\$00
Sever	29.370\$00
Cristina Leote	29.065\$00
Sarda	28.480\$00
Noroeste	27.600\$00
Pérola do Oceano	27.550\$00
Mexilhão	27.150\$00
Vareira	27.070\$00
Maria do Pilar	26.850\$00
Mar Celeste	25.500\$00
Briosa	25.090\$00
Jeremias	23.220\$00
Belflora	21.200\$00
Pérola do Sado	18.950\$00
Clarita	18.760\$00
Estrela do Sul	18.700\$00
Pérola Algarvia	12.600\$00
Augusto	9.740\$00
Ciclone	5.170\$00
S. Januário	5.000\$00
Lagoa Azul	4.800\$00
Boa Fé	4.330\$00
Sol Nascente	2.340\$00
Glória do Sado	2.280\$00
Rosa do Norte	2.130\$00
1.ª de Setúbal	2.015\$00
Praia da Atalaia	840\$00
<b>Total</b>	<b>9.687.696\$00</b>

**CERCOS**

Amazona	256.300\$00
Alecrim	96.055\$00
Novo Machado	83.365\$00
Ernani	17.900\$00
Portugal I	15.680\$00
<b>Total</b>	<b>469.300\$00</b>

**Atum da costa Algarvia**

778 Atuns	1.078.366\$60
615 Atuarros	455.183\$30
274 Albacoras	125.650\$40
43 Cachorretas	11.772\$20
105 Cachorretitas	2.916\$70
68 Pargos	2.720\$00
<b>Total</b>	<b>1.676.609\$20</b>

**Atum da costa de Marrocos**

Tanger, 1.085 Atuns	180.605 kgs.
Port Lyautey, 816 Atuns	125.688 kgs.
Larache, 1.184 Atuns	229.845 kgs.
Arzila, 286 Atuns	com 47.722 kgs.

## Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 1 a 14 de Junho:

**Entrados:**

MADALENA, Português, de 1.199 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
BORCULO, Holandês, de 499 ton., de Villagarcia, vazio.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Casablanca, com carga em trânsito.
JAIME PEREZ, Espanhol, de 58 ton., de Tanger, com atum fresco.
STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Bristol, com folha de flandres.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
CORUCHE, Português, de 1.154 ton., de Lisboa, vazio.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
TRES CEPAS, Marroquino, de 45 ton., de Larache, com atum fresco.
SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com combustíveis líquidos.

**Saídos:**

MADALENA, Português, para o Funchal, com sal.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
BORCULO, Holandês, para Rotterdam, com minério.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
GRANDSON, Suíço, para Génova e Marselha, com conservas e cortiça.
JAIME PEREZ, Espanhol, para Tanger, vazio.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
STARLING, Inglês, para Avonmouth, com alfarroba.
TRES CEPAS, Marroquino, para Larache, vazio.
SHELL ONZE, Português, para Lisboa, vazio.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

**FARMÁCIA DE SERVIÇO**

Está de serviço permanente, de 16 a 22 de Junho, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal, Telefone 49.

## Festa de Santo António

Para comemorar a festiva data de 13 do corrente, em que se celebra o insigne doutor da Igreja, Santo António de Lisboa, patrono onomástico da nossa terra, realizaram-se os seguintes actos de culto e de beneficência: Missa solene, com sermão pelo orador sacro rev. Padre dr. Henrique Ferreira da Silva, distribuição dum abundante bode, em géneros, a 30 famílias necessitadas e Devocão, à tarde, em honra de Santo António, com cânticos e sermão pelo mesmo ilustre orador algarvio.

## NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

**PREFIRA A TIPOGRAFIA SOCORRO**

FÁBRICA DE CARIMBOS  
Telefone 59 Apartado 3  
Vila Real de Santo António

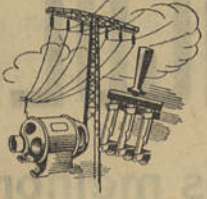
**Trindade**  
Vila Real de Santo António  
TELEFONE 8

**O MAIOR SORTIDO EM RETROZEIRO**

**EXCLUSIVOS**

CHAPÉUS «PALMARES»  
CALÇADO «NILO»  
CAMISAS «DONAIRE»

**Manuel da Silva Noy**  
Reparações Rádio-Eléctricas



Acessórios para  
RÁDIOS E AUTOMÓVEIS  
TELEFONE 118  
Vila Real de Santo António

Telefone 86  
Teleg. António Ruivinho

**ANTÓNIO DOS ANJOS RUIVINHO**

Comissões, Consignações e Conta Própria

**ALCAPARRAS**  
para a Indústria de conservas

**ESPONJAS NATURAIS**  
para uso litográficos e lavagem de automóveis

Vila Real de Santo António

**Arménio de Sousa Cardoso**  
FÁBRICA DE CONSERVAS  
IMPORT. E EXPORT.

**FILETES DE ANCHOVAS AREMANY - OS GATOS**

Satisfaz gostosamente o mais exigente paladar com as suas marcas registadas

119 - Fábrica  
155 - Residência  
103 e 174 - Particulares  
Telegramas: ARMÉNIO CARDOSO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO (PORTUGAL)

Telefone: 33 Teleg.: VIUCAPA APARTADO 5

**Viuva de José Joaquim Capa & Filhos**

Casa de Cambios e Agentes Bancários e de Seguros

Depositários da Companhia Portuguesa de Tabacos e de Fósforos

Depósito das conservas CAPA Agente da S. C. CERVEJA

Cimentos, adubos químicos, solas e cabedais

Armazenistas de Meroearias e Azelte

Estabelecimento de Meroearias e Fazendas por atacoado e a retalho

Vila Real de Santo António

# UMA COMÉDIA TRISTE

ANDAVA à volta dos quarenta, anos mas o rosto devastado e semeado de rugas, aparentava uma idade muito mais avançada. E o espírito, por sua vez, reflectia o cansaço dum organismo precocemente envelhecido. Nos domingos, principalmente nos domingos de sol, saía da toca, em movimentos lentos e, como um lagarto em liberdade, dirigia-se ao largo da aldeia. Ninguém já dava um tostão por ele; nem para o trabalho nem para o convívio, e se ainda toleravam a sua presença, todos o consideravam um homem morto. E, na verdade, não passava dum homem morto. Como os velhos, sentava-se numa pedra, chupava cigarros sobre cigarros, cuspiam frequentemente para o chão, e no olhar indistinto e vago já se não descortinavam quaisquer sinais de energia. Risos ou choros do mundo não o importunavam, nem se esforçava por os compreender. E quando, no largo, a pasmaceira habitual era violada pela gritaria alegre da juventude, enterrava os olhos na terra, como se se sentisse hostilizado pela felicidade dos outros. Juventude, verdadeiramente, nunca a possuía. Nascera velho, destinado unicamente para o trabalho violento, para as tarefas insignificantes e sujas, e agora, no rosto escaveirado, uma degenerescência prematura desenhava-se com todos os traços duma catástrofe iminente. No íntimo, ele que tão mal estava preparado para devassar a tragédia da sua vida, sabia, no entanto, que já nada podia esperar do futuro. Sentia a velhice tolher-lhe todos os passos e ideias. E a morte, no seu significado mais dramático, afigurava-se-lhe, apesar de todos os sofrimentos experimentados, um acto absurdo. Ao alcance da sua inteligência fechada, representava a morte unicamente como a extinção da vida animal. Não tinha a necessidade de criar quaisquer ilusões para suavizar um acontecimento que sabia inevitável. E se a morte o apavorava, é que a intuição lhe dizia que da vida nada recebera e nada já poderia esperar. Mas fosse um bruto da sua espécie, um animal perfeito, embora escangalhado, falar aos outros de todos esses pensamentos que lhe assaltavam a cabeça? Um homem nasce, cresce, desenvolve-se, vive, para quê,

Santo Deus? Uma árvore pega-se à terra e acaba muito naturalmente por dar frutos, ou simplesmente abrigar as aves do céu. Ora, no seu entender, tudo isto formava um destino. Olhando a sua vida, nada encon-

duziriam ao caminho da tragédia. O povo que nunca dera pela sua existência, farejando os pequenos escândalos que irrompiam naquele mundo fechado, apercebendo-se da tineta do Artur pela cachopa, atinou

## UM CONTO DE N. RODRIGUES PENA

trava que se lhe comparasse nada que lhe indicasse uma conduta. Nascera, vivera, sem qualquer finalidade. Trabalhara que nem um bruto, lá isso trabalhara, mas resultados: nicles! Um corpo escangalhado; nem mais nem menos que um arado pobre atirado para o valado. Os homens não davam um chavo por ele; os patrões não o viam; as mulheres sempre o tinham ignorado. As mulheres? diabos as levassem! Só a sua imaginação se soltava, inquieta, exigindo ao sonho o que a vida sempre lhe negara. Mas nenhuma das pessoas que o rodeavam se dignava descer às profundezas daquela alma.

Esquecido ali a um canto, o rosto concentrado, o olhar turvo, as vozes da concertina, vibrantes e nítidas, sacodem-lhe a sensibilidade num alvoroço de desejos informes e vagos. Estava pela primeira vez, tardiamente, a sentir os sortilégios da juventude. Mas as realidades forçavam-no então a considerar como absurdos todos os desejos. Mas mais forte que o bom senso, mais violentas que as realidades, que cavavam abismos entre os desejos e a sua vontade, era o sangue que lhe escaldava a carne.

Aquilo viera súbitamente, como uma dor viva, em arrepios, como se estivesse dominado por uma febre maldita. Um dia, dera-se com os olhos no rosto miúdo de Nazaré. Pequena, delgadita de corpo, o rosto moreno como tostado, a boca rasgada, olhos risinhos e alegres, dir-se-ia um fruto brávio. E as palavras que então trocaram, palavras sem sentido oculto, sem intenções reservadas, foram achas que alimentaram o fogo que irrompia no seu coração. E quando se encontravam, por acaso, nos caminhos da aldeia, um gesto ou uma palavra de Nazaré representava uma lufada de vento que ia aticar carvões incandescentes. Instintivamente, ele sabia bem que estava a escolher os maus atalhos que o con-

logo com a alcunha. E dum dia para o outro, crismaram-no de «Seródio». E não faltou quem industriasse Nazaré para se prestar à comédia. Vieram então os olhares rápidos e encorajadores, as palavras húmidas de ternura e maliciosas, prometendo uma felicidade que ele próprio se recusava a aceitar. Nazaré, embora fátua e ingénua, olhando o rosto turvo do «Seródio», instintivamente, acordavam no seu íntimo, maus preságios, um medo de que a brincadeira lhe trouxesse consequências penosas. Mas os outros excitavam-na: Tu nada tens a perder, cachopa! Trata de o aquecer; depois nós cá estamos para a galhofa!

Mesmo que a sua bonita boca de lábios túmidos se conservasse fechada, bastava-lhe um rápido olhar para dar ao Artur a felicidade num dia inteiro. O que ele ambicionava era ser muito rico para prodigalizar todos os mimos que sonhava e satisfazer todos os caprichos da sua menina. — Estou já muito velho, Nazaré, não sou pé para a tua meia! — Qual história? — gritava ela num tom alegre, cheia de brejeirice e maldade. — Já se viram coisas mais extraordinárias, e depois, meu pateta, eu gosto muito de ti, e isso é

(CONCLUI NA 10.ª PAGINA)

## OURIVESARIA MIRANDA JUNIOR

Jóias - Ouro - Prata - Relógios

No seu próprio interesse consulte esta casa

Rua S. João de Brito, 69

Vila Real de Santo António

MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS GRÁFICAS

## POLONIO BASTO & C.ª

Sede: PORTO

Repres. em LISBOA

Trav. São-Carlos, 41 — Telef. 24478

Av. Elias Garcia, 112  
Telef. 74126

DESDE 1923, SEMPRE A BEM SERVIR AS ARTES DE IMPRIMIR

Toda a espécie de máquinas para Tipografia Litografia - Offset - Rotogravura - Fotolito - Encadernação - Cartonagem - Pantação, etc.

Rotativas para Jornais, de FRANKENTHAL Rotativas offset ROLAND REPRESENTANTES DOS MAIS FAMOSOS CONSTRUTORES

Se V. Ex.ª deseja um bom saco de borracha para água quente

COMPRE

## IMPERIAL

a marca que lhe garante um artigo de superior qualidade

## CANÇÃO PARA A COMPANHEIRA

poema por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

Sente o que sinto e não penses o que penso sobre esta dor enorme que trago dentro em mim. Tem esperança no futuro e cre no que não creio. Enche-te de amor, transborda-o do teu peito, dá-o aos teus irmãos, os homens. Vibra, como vibra a multidão, bate-te pelas causas justas e por aqueles que não tiverem pão. E se assim fizeres, podes crer, terás conquistado o direito de viver!

## PORTO KOPKE

HÁ MAIS DE 300 ANOS

Vinho de qualidade



Agentes Depositários no Sul de Portugal

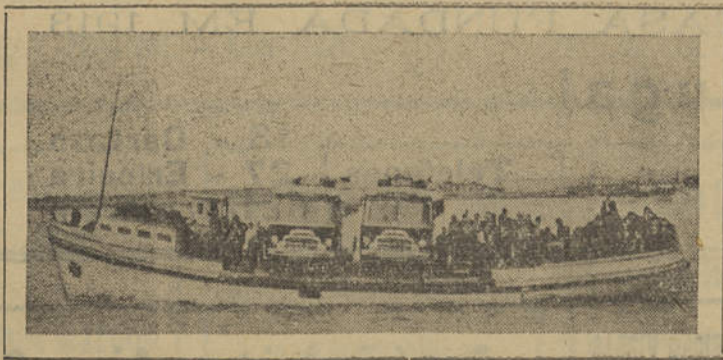
OLIVEIRA & TORROAIS, LDA.

Rua do Salitre, 123 — Tel. 54614

LISBOA

## Empresa de Transportes do Rio Guadiana, L.ª

TELEFONE 152



Serviços rápidos para todos os pontos do rio, reboques e transportes de passageiros, automóveis e autocarros entre esta vila e Alamoonte, e vice-versa

AVENIDA DA REPÚBLICA  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTABELECIMENTOS LITOGRAFICOS

## Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª

CASA FUNDADA EM 1890

SEDE:

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SUCURSAIS:

OLHÃO E PORTIMÃO  
AYAMONTE (Espanha)

ESTAMPAGEM SOBRE FOLHA DE FLANDRES

Fabricação de: Chaves, Pregos e Grelhas para Sardinhas

## LATAS

Construção de latas para conservas de peixe em azeite e salmoura e para quaisquer outros produtos

**Centro Comercial de Combustíveis, L.<sup>da</sup>**

Sub-Agência da SACOR e GAZ-CIDLA  
Avenida da República, 176-A Telefone 164  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Gasolina, Gasóleo centrifugado,  
ÓLEOS, PETRÓLEO E GAZ-CIDLA

Material próprio para Gaz-Cidla como:

Fogareiros portáteis, Palmatórias-fogareiro,  
Fogareiros, Fogareiro - fogão, Fogões,  
Esquentadores, Acumuladores de água quente,  
Frigorífico, Caloríferos, Bicos e queimadores

A PREÇOS ECONÓMICOS

Quer Cosinhar com rapidez, asseio e economia?  
Preparar um banho rápido e económico?

**Consuma GAZ-CIDLA**

que actualmente é o combustível mais económico e asseado

Peça informações aos nossos consumidores

**A LAVOURA:**

Nitrato do Chile a 15,5%

Nitrocalciamon a 20,5%

Sulfato de Amónio a 21%

Adubos Mistos, Cloreto de Potássio,  
Sulfato de Potássio e Superfosfatos

**SULFATO DE COBRE E ENXOFRES**

Aos menores preços do mercado e com grandes facilidades de pagamento vendem:

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro, L.<sup>da</sup>

S. BARTOLOMEU DE MESSINES

(Casa fundada em 1913)

Telefone 5

Telegramas: GUERREIROS

**CAFÉ NICOLA**

O Melhor entre os melhores

O CAFÉ DOS BONS APRECIADORES  
SERVE-SE NOS PRINCIPAIS  
ESTABELECIMENTOS DO ALGARVE

PEDIDO:

Rua 1.º de Dezembro, 33-1.º

Telef. 30578

Teleg. NICOLA

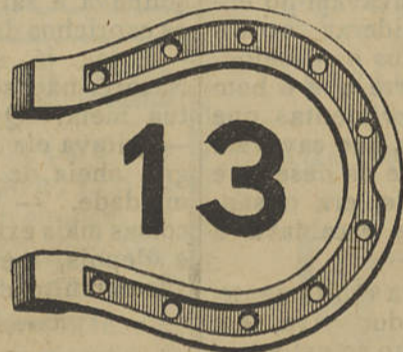
LISBOA

**VINHOS DO CARTAXO****MARCA DE VINHOS**

de Consumo e Exportação

**QUE MARCA**

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vínica, bagaceira e de ginja



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa

é o seu Proprietário  
que agradece o consultem  
sempre quando estejam  
compradores de Vinhos

Preços em concorrência para todos os mercados

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»  
«MINHA ULTIMA MARCA»  
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

Produtos vínicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

«Vinhos Treze» do Cartaxo  
Marca velha e conhecida.  
Quem uma vez os provar,  
Bebê-los-á toda a vida.

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 6, no Cartaxo, em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal — Santarém  
Crédit Franco-Portugais  
London & South America Limited  
Borges & Irmão  
Nacional Ultramarino  
Angola  
Espírito Santo e Comercial de Lisboa — Santarém  
Português do Atlântico — Porto  
Caixa Geral de Depósitos

**ANTÓNIO NUNES CUNHA**

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

**CARTAXO-Portugal**

Telegramas: «TREZE»

- APARTADO 13 -

Telefones } 13 - Cartaxo  
27 - Ericeira  
821-Santarém

**MANUEL DA SILVA PENA & IRMÃO**

MADEIRAS - FERRAGENS - DROGAS - TINTAS  
SERRAÇÃO MECÂNICA

TELEFONE 147

Agente dos produtos Da Pent: — TINTAS DUCO E DULUX

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**AGÊNCIA VIEGAS** de EMILIANO DA CONCEIÇÃO VIEGAS

A MAIS ANTIGA DA VILA Rua Teófilo Braga, 77

Caixões e urnas com todos os pertences Funerais modestos e lujosos

PANO DE RESPEITO

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

PUNERAIS PARA TODOS OS PREÇOS

Chamadas a qualquer hora da noite, rua Eça de Queirós, 23-25

**José Rodrigues Lima Centeno**

DESPACHANTE OFICIAL

Telefone n.º 167

Telegramas KELLERSHIP

AVENIDA DA REPÚBLICA, 71

Vila Real de Santo António

### Caixa de Crédito Cauçionado

Empréstimos sobre tudo que ofereça garantia e também armas de caça

SIGILO ♦ RAPIDEZ ♦ SEGURANÇA

Telefone 25334

Rua da Assunção, 88-1.º LISBOA

### Pastelaria CONFIANÇA

BOLOS REGIONAIS  
BOLOS DE NOIVA  
BOLOS DE ANIVERSÁRIO

Executa grandes e pequenas encomendas para

CASAMENTOS  
ANIVERSÁRIOS  
BANQUETES

Avenida da República, 48  
Vila Real de Santo António

Um nome a fixar...

CAFÉ RESTAURANTE

### JANELAS VERDES

A casa das boas tapas

TELEFONE 206

DE

LUÍS FÉLIX DA SILVA

Rua de Aveiro

Vila Real de Santo António

Telegramas: SULQUÍMICOS  
fones 21 e 124

Apartado 17

### Empresa do Sul de Produtos Químicos, Limitada

ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS E PERFUMARIAS

F A R O

DROGARIA

ARMAZÉM

R. Filipe Allstão, 8 a 14-A

R. Pinheiro Chagas, 22 a 26

# ADUBOS

SUPERFOSFATOS

EM PÓ E GRANULADOS

## Sulfato de Amónio

DO

AMONÍACO PORTUGUÊS e de "COBELAZ"

NITROCALCIAMON — «COBELAZ»

com 20,5% de azoto nítrico e amoniacal, contendo cal

CLORETO DE POTÁSSIO

C I A N A M I D A

ADUBOS QUÍMICOS MISTOS

# SAPEC

GRANDES FÁBRICAS EM SETUBAL

DELEGAÇÃO DE LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 121-1.º

Telefones 24121-24122-24123

Teleg.: SAPEC — LISBOA

DEPÓSITO EM FARO

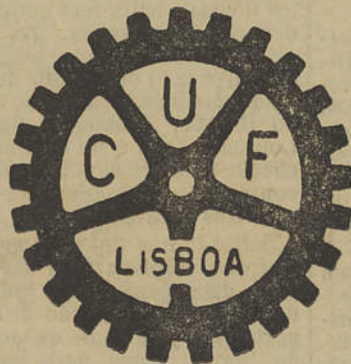
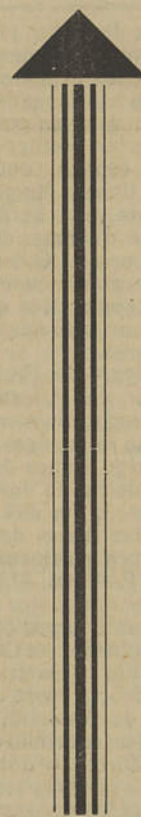
Largo de Camões, 10

Telefone 253

F A R O

# Companhia União Fabril

a maior organização industrial e comercial da Península



Ácidos sulfúrico e muriático

Amónio

Sulfureto de Carbono

Produtos químicos

Superfosfatos

Adubos

Sulfato de Cobre

Enxofres

Bagaços para alimentação de gados

Insecticidas

Glicerinas

Óleos industriais

Óleo de Mendobi

Azeites

Sabões

Velas

Fios, tecidos e sacos de juta

Sarjões e lonas de algodão

Carpetes, passadeiras, tapetes e alcatifas

Fios e cordas de sisal

Capachos do Cairo

Sacarias diversas

Metalurgia do ferro e do aço

Metalurgia do ouro e da prata

Construção e reparação de navios

## FÁBRICAS:

Alferrarede, Barreiro, Canas de Senhorim, Lisboa, Mirandela, Óbidos, Porto, Soure e Vila Nova de Gaia

**Lisboa**

Rua do Comércio, 49

**Porto**

R. Sá da Bandeira, 86

MERCEARIA E MARISQUEIRA DO GUADIANA

-- DE --

Manuel Gomes Marcos

GASA DE PASTO  
Mercearia e Vinhos

Rua da Princesa, 7

Telefone 148

Vila Real de Santo António

ANTÓNIO JOÃO HORTA

Estabelecimento de

MERCEARIAS  
LOUÇAS  
VIDROS

Mercado 1.º de Maio, 38

Vila Real de Santo António

António Gomes Gonçalves

Rua 5 de Outubro-CASTRO MARIM

Telefones: 2 e 10

Sucursal: Avenida da República, 73

Telefone: 89

Vila Real de Santo António

VINHOS DA REGIÃO

# CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

## INTUS ET EXTRA

Do ventre materno, o homem sai pouco mais que esboçado. Sem a vida uterina, de certo o homem não começa. Mas, só com ela, a não termina. Extra-uterinamente é que se faz o homem quase por inteiro. A sua ossificação só se faz depois de ele nascer. E é também fora do útero materno que se apertam as suas suturas; que aprende a andar e a falar; que ganha dentes e posição erecta...

O pontapé de saída, no jogo da vida, no útero se dá. Mas é extra-uterinamente que o jogo acaba.

## DIZER E FAZER

Neste mundo, há de tudo: os que muito falam e nada fazem; os que pouco fazem e pouco ou nada dizem; os que falam, antes de fazer; os que sintonizam o fazer com o dizer; e, finalmente, os que só falam depois de fazer — e são estes os mais eloquentes.

Três destas atitudes fundamentais aparecem consubstanciadas em certo aforismo romano, relativo a três Papas:

«Quando Leão X fala de uma coisa, é sinal de que nela pensa; quando Júlio II fala dessa mesma coisa, é porque a está fazendo. Mas, se é Alexandre VI que dela fala, o caso muda radicalmente de figura: — é porque já a fez.»

O vaidoso, geralmente, fala daquilo que ainda não fez. O gabarola é atreito a deltar foguetes de quatro respostas sobre o que fez. Só o modesto fala e cala — esperando que a sua obra fale por ela e por ele.

## O IMPOSSÍVEL

Que os rios corram para a foz não é maravilha. O plano inclinado do leito os empurra para o seu destino. A maravilha está em conseguir-se o impossível. E não faltam aí, felizmente, homens que se atiram ao impossível como S. Tiago aos mouros. Um Napoleão — o Napoleão das botas altas e chapéu de dois bicos — dizia: «Impossível não é palavra francesa». Dizia e provava. O homem dos automóveis, Henrique Ford, que foi um homem das Árabias, também não se assustava com o impossível. Quando alguém, aos seus projectos ousados, atravesava com um «é impossível», logo ele trepava nas tamanequinhas da sua inquebrantável energia, respondendo: mais uma razão para não desistirmos.

Razão tinha o outro para dizer que o impossível é o fantasma dos tímidos e o refúgio dos poltrões.

Napoleão, mesmo nas suas derrotas, confessava: «tudo se perdeu, tudo, menos a minha coragem». Precisamente a droga com que venceria os «impossíveis». E a coragem em Napoleão não era uma coragem falsificada: era um dom de reis.

# O TRÂNSITO NESTA VILA

está a tornar-se perigoso dia a dia

VÁRIAS vezes temos já assinalado, nestas colunas, a vantagem e até a urgência de regulamentar o movimento de viação na nossa terra, mormente no que respeita à deficiente sinalização que se verifica, de modo a obviar a possíveis acidentes de trânsito, perigosos tanto para os condutores de veículos como também para os transeuntes.

Temos agora a registar, como ilustração do que aqui foi dito e repetido, um acidente que não teve, felizmente, consequências graves, mas podia ter tido. Foi o caso da recente colisão entre duas camionetas de carga, no cruzamento das ruas Camilo Castelo Branco e dr. Manuel de Arriaga. Os veículos pertenciam às firmas «Fialho», de Portimão, e «Cérica», de Tavira, respectivamente, e eram utilizados no transporte de peixe, da nossa lota para outros pontos do País. Os prejuízos foram só materiais.

O que é certo — e todos o podem verificar — é o facto de a intensidade de trânsito nesta vila estar a aumentar consideravelmente, e às vezes só por feliz acaso não há a lamentar mais desastres ou atropelamentos, com a balbúrdia do movimento automóvel e a carência dos devidos sinais nos pontos críticos da vila.

Achamos que o problema necessita da atenção urgente de quem de direito e fazemos votos para que um factor de progresso e de riqueza económica da terra não venha a tornar-se num quebra-cabeças para muitos, no sentido físico da expressão...

## OS DESCOBRIMENTOS MARÍTIMOS

# A GRANDE ESQUADRA MERCANTIL DE LANÇAROTE DE FREITAS

LISBOA, invejosa das riquezas que a gente de Lagos estava fazendo com a empresa das descobertas, quis tomar parte nelas, agora que sabia não haver perigo nos mares, até ao Cabo Verde.

Um fidalgo, de nome Gonçalo Pacheco, da casa do Infante D. Henrique, foi o primeiro a tentar-se. Partiu numa caravela que mandou construir, com mais duas já adquiridas. Acompanharam-no Aenes da Grã, sobrinho de sua mulher, e um escudeiro do Infante D. Pedro, Mafaldo de Setúbal e Alvaro Gil, ensaiador da moeda.

No Cabo Branco, encontraram um escrito deixado por Antão Gonçalves, no qual avisava de estar deserta a aldeia vizinha. Navegaram para os ilhéus de Arguim, o piloto Gonçalo Galego, que já conhecia aquelas paragens, serviu de guia a Mafaldo de Setúbal, que tomou nos ilhéus e na costa muitos conhecimentos e fez um rendoso negócio, numa só noite.

Chegaram a um cabo a que chamaram de Santa Ana, onde Alvaro Vasques e Diogo Gil negociaram. Fizeram mais oitenta léguas para o sul e, apesar da atitude hostil dos indígenas, estavam resolvidos a desembarcar, mas a fúria das ondas impediu-os de o fazerem.

Diante dos seus olhos, uma terra tão vistosa se mostrou que a todos deixou deslumbrados, estimulando-lhes o desejo de continuar navegando. Todavia, foram obrigados a voltar para trás, tão violenta se tornou a tempestade, durante três dias.

Logo que o tempo serenou, encontraram-se num lugar em que Alvaro Gonçalves fizera bom negócio. Entre o Cabo Branco e o Cabo Tira (embocadura do rio Senegal) encontraram uma ilha arenosa, onde não faltavam vestígios de homens e de redes.

Dias depois tornaram lá e acharam que já ali tinham estado. Dirigiram-se à ilha próxima e foram assaltados de súbito pelos negros, que lhes mataram sete homens e lhes tomaram um bote, que despedaçaram na ilha de Tider, para lhe aproveitarem os pregos. Voltaram para Arguim, onde fizeram aguada.

Os homens de Lisboa fizeram boa figura, logo à primeira experiência, mas Lagos conservou primazia e eram os que apresentavam melhores condições de navegabilidade. Aquele Lançarote, almoxarife do reino, na mesma vila, e que a pedido de todos fora armado cavaleiro pelo Infante D. Henrique, era o principal animador de todas as empresas, que se multiplicavam no Algarve!

Juntamente com muitos outros, achou bem vingar nos pretos a morte de Gonçalo de Sintra e por isso pediram ao Infante licença de equiparem uma verdadeira frota, com que fossem à costa africana, para tal fim.

Outorgou-lhe o Infante de boa vontade, contanto que fossem sempre mais à frente, de todas as viagens que fizessem. Logo se equiparam 14 soberbas galeras, que, juntamente com outras recrutadas em Lisboa e na Madeira, perfaziam vinte e quatro, comandadas todas elas por homens notáveis, entre os quais avultava um glorioso aventureiro de que se deve fazer menção especial.

Soeiro da Costa, que, segundo quer o autor dos Retratos dos Varrões e Donas, foi um dos doze de Inglaterra e tornou-se notável pelas suas façanhas, praticadas por toda a parte onde se davam e recebiam cutiladas.

## Visado pela Comissão de Censura

### “OS NOSSOS FILHOS”

O número de Maio de «Os Nossos Filhos», que acabamos de receber, é um dos mais variados e atraentes. Todas as páginas vêm cheias de assuntos e ensinamentos que interessam aos pais e educadores. No entanto, destacamos as páginas dedicadas a Helen Keller, a notabilíssima cega-surdamuda que recentemente esteve em Lisboa, e dirigiu uma carinhosa mensagem às mães portuguesas, através da revista «Os Nossos Filhos». Este número de Maio é, pois, por todos os motivos, um número que as mães devem ler e guardar carinhosamente.

A redacção de «Os Nossos Filhos» é em Lisboa, Rua Infantina Dezasseis, 69-2.

1409 a 1414; na batalha de Azincourt ganha por Henrique V de Inglaterra, em 1414; na batalha de Valmont com o condestável de França, contra o Duque de Gloucester, na batalha de Monsegur, com o conde de Foix e o conde de Armagnac na tomada de Soissons e no cerco de Arras.

Daí, voltando a Portugal, assistiu no levantamento do cerco de Ceuta e obtendo a alcaidaria-

Pelo MAJOR SOUSA NUNES

-mor de Lagos, já muito avançado em anos, mas nem por isso deixou de sentir ardente desejo de tomar parte nas façanhas praticadas pelos nossos na costa de África e de fazer cintilar à luz tropical a sua espada, onde tão diversos sóis tinham lampejado.

Este velho heróico foi o comandante de uma das caravelas de Lançarote. Os outros, todos mais ou menos homens dignos de nota, pela sua prática do mar, pela bravura ou pelo nascimento dos seus maiores.

Alvaro de Freitas era comendador em Aljezur na ordem de Santiago; Gomes Pires, fora com Antão Gonçalves ao Rio do Ouro; Rodrigo Eanes de Travassos era escudeiro do Infante D. Pedro. Palenço, um dos heróis frequentes das razias de Ceuta; Gil Eanes era patriarca dos navegadores; Estêvão Afonso, um dos capitães dos navios de Lançarote na primeira expedição; Dinis Dias, descobridor de Cabo Verde; Tristão Vaz Teixeira, o capitão do Moxico; Alvaro de Ornelas, também da Madeira, e Alvaro Fernandes, sobrinho de João Gonçalves Zarco, o donatário do Funchal, que vinha em duas caravelas, mandadas aprontar por seu tio.

Muitos outros capitães, de cujos nomes o leitor terá notícias no decurso da narrativa. As catorze caravelas de Lagos singraram os mares a 10 de Agosto de 1445, tendo combinado juntar-se no Cabo Branco. Tomou a dianteira Lourenço Dias e foi o primeiro a chegar à ilha de Arguim, onde encontrou Gonçalo Pacheco e as suas três caravelas.

Sabendo que vinha tão numerosa frota, resolveu ficar ainda alguns dias, para tomar vingança dos negros que se não deixaram aprisionar pela gente de Gonçalo de Sintra. Teve, para isso, de pôr os seus tripulantes a meia ração, porque escasseavam os mantimentos e Lourenço Dias respondeu-lhe muito cortezamente que quem vai para o mar avia-se em terra, e não ousou dar-lhos.

Acompanhou-o, todavia para a ilha das Garças, onde caçaram não homens, mas muitos pássaros, entre eles alguns grous brancos e maiores do que cisnes, com bicos de oitenta centímetros, de que as lisboetas deviam de ficar muito encantadas.

Tendo chegado o resto dos navios da frota, prepararam-se 270 homens para o combate, e foram alguns à praia em três botes, guiados por pilotos que ali tinha estado. Quiseram surpreender os naturais, mas não o conseguiram, pela escuridão da noite e a bravura do mar, que os não deixou abicar até dia claro.

Foram mais para sul três quilómetros, pela praia, até Tider, don-

de lhes fugiu um dos indígenas, dos quais conseguiram matar e aprisionar 4. Na aldeia abandonada, porém, encontrou Gonçalo Pacheco os viveres que lhe faltavam e já não perdeu tudo.

No dia seguinte, veio uma grande multidão dançar à praia, como em ar de desafio, deixando-se prender 57. Eles bem sabiam como eram bem recebidos em Lisboa. Ainda hoje, passados tan-

tos séculos, quando aparece um negro aqui e uma rapariga o vê, sorri, levando os dedos à boca e pedindo três coisas do que mais deseja. Ver um preto em Lisboa é um gosto.

Lançarote reunindo os capitães, declarou-lhes ter cumprido o desejo do Infante, que era tomar Tider, quando Cabo Verde já fora tomado por Dinis Dias. Lançarote não foi um conquistador de territórios para a nação, animando todavia muitíssimo as expedições patrióticas.

# MOMENTO CULTURAL

Por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

Normalmente, os livros têm um destino bastante obscuro; ou apodrecem numa estante, em casa do livreiro ou do comprador, ou vão parar às padrolas dos saldos. Todavia, quanto deles deveriam ter vida, constituírem uma fonte inesgotável de cultura, pois só desse modo alcançariam o fim para que, certamente, foram escritos.

Com este pensamento, resolvemos transcrever aqui, periodicamente, tudo quanto encontrarmos nos livros que possa ter interesse, em nosso entender, e fornecer cultura. Todos os géneros de livros nos servirão para o efeito, porque tanto no romance como no ensaio, tanto na novela como no manual de filosofia, poderemos encontrar sempre algo de valioso.

A nossa secção servirá ainda para despertar no leitor apressado do jornal o desejo de conhecer, na íntegra, o livro de que se faz a transcrição.

EXECUÇÃO dos planos elaborados por força da Lei de Reconstituição Económica contribuiu, sem dúvida, em larga medida para o progresso do País durante os últimos três lustros. Foram obras e melhoramentos que o Estado realizou e empreendimentos privados que ele, os organismos corporativos e suas caixas de previdência auxiliaram, participando no capital das empresas ou facultando-lhes crédito. Ao todo, 14 milhões de contos assim se investiram, dos quais cerca de 10 milhões no fomento económico — todos eles constituindo rendimentos de portugueses que, através do consumo e investimentos ulteriores, geraram novos rendimentos. Por outro lado, intensificou-se o aproveitamento dos recursos nacionais e conseguiu-se, a par do aumento da produção agrícola e industrial, a descida do custo em vários dos seus sectores.

Mas, ao cabo de todo este esforço — único na história do País —, ainda é patente à primeira observação que o rendimento nacional, a cujo cálculo há pouco se procedeu, não atinge nível satisfatório.

Eis as cifras apuradas para 1950: Rendimento nacional — 32.953 milhares de contos.

# ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Bom rendimento de pesca No mês findo.

venderam-se na nossa lota 12.132 contos de peixe, o que julgamos constitui um «record», porque em nenhum tempo, que nos lembre, este valor foi atingido. O valor mais próximo (11.933 contos) registou-se em Julho de 1953, tendo sido também frutuoso o mês de Junho de 1952, em que se transaccionaram 9.086 contos. Nos valores do mês passado não estão incluídas as 348 toneladas de atum marroquino, que vieram para a nossa indústria.

O ano passado, até fins de Maio, tinham sido transaccionados na nossa lota 6.904 contos, ascendendo no presente ano esses va-

lores a 13.930 contos, mais do dobro.

Oxalá este ritmo animador se mantenha, para bem da nossa terra e dos restantes centros conserveiros da nossa provincial!

Alguns números da nossa produção

Veja mos algumas produções do Algarve (números totais referentes ao ano de 1954): feijão, 7.755 hectolitros; grão-de-bico, 12.621 hl.; fava, 54.918, hl. e batata, 176.784 quintais. Os maiores produtores de batata foram os distritos de Vila Real e Viseu, respectivamente, com 1.336.482 e 1.266.359 quintais.

Frutas secas e em conserva Também de Janeiro a Abril, exportámos: 691 ton. de alfarroba, no valor de 870 contos; grão-da 147 ton. e meia, no valor de 744 contos; amêndoa em casca, 12 ton.; amêndoa em miolo, 900 ton. no montante de 45.907 contos; figos secos, 830 ton., totalizando 1.755 contos e conservas de produtos hortícolas, 787 ton., no valor de 4.541 contos. — J. B.

ciência da produção. Podemos, na agricultura, aplicar à terra as conquistas da ciência agronómica, irrigá-la, defendê-la, substituir braços por máquinas; podemos, na indústria, especializar as fábricas e dotá-las do necessário equipamento moderno e de mão-de-obra devidamente qualificada. Se o fizermos, conseguiremos aumentar notavelmente, nos actuais ramos da produção agrícola e industrial, o rendimento médio por trabalhador.

Consegui-lo-emos, mas à custa da dispensa de braços. Na verdade, embora as condições do solo ponham limites estreitos ao emprego das máquinas na agricultura; embora, nesta como na indústria, se torne porventura desaconselhável um alto grau de mecanização, sempre a modernização dos nossos processos técnicos, tantas vezes primitivos, há-de libertar grande número de trabalhadores.

Acresce que todos os anos se contam por dezenas de milhares os portugueses que atingem a idade do trabalho e buscam meios de vida. Postos de lado os que vão substituir os mortos, inválidos ou velhos, podemos calcular aproximadamente em 50.000 o número de maiores de 14 anos que, no decurso de cada doze meses, aparecem a requerer novos empregos.

A primeira solução para o problema parece ser a da emigração. Foi no estrangeiro, aliás, que até 1950 procuraram trabalho muitos dos que não encontravam remunerador no País. A partir de então, todavia, a crise económica mundial, as dificuldades opostas à circulação internacional de pessoas e a guerra que sobreveio, a par de maiores possibilidades de emprego no País, reduziram a pouco o número dos nossos emigrantes, ainda de 40.000 em 1929 e de menos de um milhar em 1945. Nos últimos anos, porém, intensificou-se de novo a corrente emigratória:

Número de emigrantes

1946	8.275
1947	12.838
1948	12.345
1949	17.296
1950	21.892
1951	53.664

O simples exame destes números mostra que a emigração, embora porventura acrescida, não poderia absorver aqueles excedentes. Ainda que o pudesse, seria sempre um remédio caro, pois privaria o País dos seus melhores elementos de trabalho. Impõe-se, assim, tentar outros meios: o alargamento da área de regadio, sobretudo no Sul, abre interessante possibilidade à colonização interna, mediante a criação de explorações agrícolas de tipo familiar, que promovam a cultura intensiva de terrenos até aqui incultos ou cultivados extensivamente; o aproveitamento dos enormes recursos de Angola e Moçambique, tanto na produção agrícola como na industrial, está também na base de uma larga co-

Rendimento individual médio (suposta uma população de 8.450.000 habitantes — 3.900\$00 (!).

Decerto que estes números não podem considerar-se rigorosos. No entanto, oferecem-nos uma ordem de grandeza que permite avaliar a distância que nos separa de outros países cujo tipo de cultura é semelhante ao nosso. Observe-se a diferença entre esse rendimento individual médio e o de vários países do Ocidente da Europa, em 1949:

	Rendimento por habitante (!) (em dólares) (2)
Suíça . . . . .	849
Inglaterra . . . . .	775
Dinamarca . . . . .	689
Bélgica . . . . .	582
Holanda . . . . .	502
França . . . . .	482
Irlanda . . . . .	420
Alemanha Ocidental . . . . .	320
Itália . . . . .	255
Portugal . . . . .	134

Se é diminuto, como estes números revelam, o rendimento individual médio, é porque também é reduzido o rendimento médio por trabalhador. Ora, o rendimento do trabalho depende, em primeiro lugar, da qualidade e quantidade dos recursos naturais disponíveis. Sob este aspecto, porém, a natureza foi avara conosco, pois nem nos deu um solo fértil nem um subsolo rico. Em contrapartida, o desenvolvimento demográfico tem-se acentuado num ritmo crescente, sobretudo nos últimos trinta anos:

Anos	População da Mairópe	Aumento
1900 . . . . .	5.425.132	—
1911 . . . . .	5.960.056	536.924
1920 . . . . .	6.052.991	72.935
1950 . . . . .	6.825.885	792.892
1940 . . . . .	7.722.152	896.269
1950 . . . . .	8.490.455	768.305

Pode julgar-se que neste aparente desequilíbrio entre a população e os recursos materiais reside a explicação cabal do nosso reduzido rendimento médio: somos em demasia para aproveitar riqueza tão exígua. Mas a verdade é que outros países conseguiram um rendimento médio elevadíssimo, tendo embora uma forte densidade populacional e carecendo de terras naturalmente férteis e dos minérios que estão na base da indústria moderna. Conseguiram-no porque o rendimento do trabalho não depende apenas dos recursos produtivos: depende, e em muito, do nível da técnica, da eficiência da mão-de-obra e do equipamento com que esses recursos são utilizados.

E ainda bem, porque, se nada podemos fazer quanto aos recursos naturais, que nos foram dados uma vez por todas, podemos fazer muito quanto à técnica e à efi-

# O AFORMOSEAMENTO DA VILA e a toponímia local

CONSTA-NOS que está a ser considerado um plano de aformoseamento do nosso burgo, no qual se compreende, entre outros melhoramentos, a colocação de novas placas, em azulejo, com a nomenclatura das ruas.

Se a notícia tem fundamento, aprez-nos congratular-nos com ela e felicitar as autoridades Municipais, bem como a Comissão de Turismo, por tão excelente iniciativa. Realmente faziam sentir, de há muito, a falta de tabuletas condignas com os nomes dos arruamentos urbanos, e já o facto tinha sido apontado neste semanário.

Lembramos, a propósito, a conveniência de aproveitar a ocasião para se prestar a merecida homenagem às figuras vilarrealenses que se tenham distinguido, honrando a nossa terra, pelos seus méritos ou benefícios dispensados à mesma, sem preocupações de categorias ou de matizes políticos, mas simplesmente mirando à justiça e a um legítimo bairrismo. Por exemplo, seria a oportunidade de dar o nome do consagrado poeta nosso conterrâneo, António Aleixo, ao largo onde ele nasceu — o conhecido «Largo da Forca», deixando o nome de Barão do Rio Zézere só para a rua que no mesmo desemboca. Outras figuras de projecção local existem que bem mereciam uma consagração pública, como é o caso de Luigi Parodi, eng. Sebastião Ramirez, dr. Sousa Coutinho, Matias Sanches, Carlos Medeiros, António Capa, etc.

# UM OLHAR SOBRE A INDONÉSIA

PO aproximam-se a data de mais um aniversário da independência da Indonésia — o 11.º, no próximo dia 17 de Agosto — quis trazer aos leitores dos periódicos regionais alguns conhecimentos sobre este país, a quem uma parte de Timor lhes pertence. Portanto, naquela nossa pequena parcela ultramarina somos vizinhos.

Um olhar geral sobre a Indonésia — aquele lindo e rico país do Oriente — será agora o tema deste artigo, contando trazer a estas colunas, «se para tanto me ajudar o engenho e arte», detalhes sobre o nível de cultura dos indonésios: a sua história; as suas comunicações; a sua educação, o seu desenvolvimento nos campos agrícola, cinematográfico, radiofónico, artístico e literário.

Vão fazer, pois, onze anos que foi içada, pela primeira vez, a bandeira nacional de cores vermelha e branca, em território indonésio; estava proclamada, assim, a independência da Indonésia, pelo seu presidente Soekarno, em Djakarta. Mas sobre tal facto dedicarei, oportunamente, um artigo a pormenorizar.

Geograficamente, o arquipélago indonésio é o maior grupo de ilhas do mundo, situado no sudoeste asiático, compreendendo, do

## MOMENTO CULTURAL

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

lização ultramarina, que permitirá fixar vastos contingentes de portugueses.

Todavia, a colonização interna e a ultramarina, embora intensificada aquela desde já e a mais breve iniciada esta, só lentamente absorverem — se absorverem de todo — o excesso de braços da metrópole. Na melhor das hipóteses, portanto, só a longo prazo a colonização solucionaria cabalmente o problema. Por isso, têm de se encontrar, ao lado da acção colonizadora, outras soluções, e entre elas, como é óbvio, a criação de novas indústrias.

Não que Portugal careça de indústria de certa importância. Com efeito, em 1940 as nossas actividades fabris — indústrias extractivas e transformadoras — já ocupavam a roda de 600.000 trabalhadores, ou seja cerca de 20 por cento da população activa. Na grande maioria dos casos, porém, essas actividades destinavam-se, e destinam-se ainda hoje, à transformação de matérias-primas agrícolas e ao fabrico de bens de consumo. Diz a experiência que essa é a 1.ª fase da industrialização, a que se segue, progressivamente, a criação de indústrias metalomecânicas e químicas. Ora, tanto pela lição dos factos como pela necessidade de assegurar meios de trabalho à população, é em igual sentido que temos de caminhar.

De qualquer modo, parece fora de dúvida que a melhoria do nosso nível de vida está dependente não só da modernização da técnica e do equipamento na agricultura e nas indústrias actuais, como da absorção de braços, em condições suficientemente remuneradoras, através da colaboração interna, da colonização ultramarina e da instalação de novas indústrias.

In «Plano de Fomento», Vol. I, páginas 11 a 14. Edição dos Ministérios da Economia e do Ultramar. Dois volumes: 50\$00, 1953.

(1) — Por ano. Isto é, cada habitante dispõe, para efeitos estatísticos, anualmente, do quantitativo indicado.

(2) — Para achar a equivalência do dólar em escudos, consulte-se a lista de câmbios que os jornais diários publicam e multiplique-se o número citado pelo preço do dólar. Para avaliar a população e o tamanho de cada país, em relação aos restantes, consulte-se qualquer compêndio de geografia.

Repare-se, porém, que os países mais pequenos, com excepção de Portugal, são os que têm um nível de vida mais elevado.

(notas do seleccionador)

poente para o nascente: Sumatra, Java, Kalimantan, Bali, Lombok, Sumba, Sulawesi (Celebes), Flores, Timor (parte ocidental), Molucas, Halmaeras, Irian (Nova Guiné) e muitas outras ilhas mais pequenas, como Madura, Sumbava, Bornéu, etc. A sua extensão, ao

POR  
ROLLÍN DE MACEDO

longo do Equador, vai além de três mil milhas.

Dada esta situação geográfica, a Indonésia tem apenas uma estação seca e outra chuvosa, contando-se entre as regiões mais pluviosas do Mundo. Daí a borracha, a quina e o tabaco terem sido importados de outras regiões, mas que facilmente se aclimataram, sendo tão próspera a sua produção que é possível até exportá-la. É notável a sua produção de manganésio, carvão, ouro, prata e cobre.

A grande massa da população é agrária, quer trabalhando em pequenas granjas próprias, quer trabalhando nas grandes fazendas e plantações, normalmente estrangeiras. Há, também, numerosas indústrias que produzem grandes quantidades de artigos de consumo, algumas de nível altamente artístico, tais como a do «batik», da obra de talha em madeira, trabalho em prata e couro, louça, etc.

Em algumas ilhas existem costumes e tradições muito antigas, vendo-se por toda a parte antigos templos indus, mesquitas, maometanas, e catedrais e igrejas cristãs. É que na Indonésia não há intolerância religiosa nem qualquer preconceito racial.

Afinal, a Indonésia torna-se um país ideal sob todos os aspectos e em todos os sectores, com o povo «mais amável sobre a terra», na opinião dos holandeses; assim, possui um clima que vai desde temperaturas frígidas, nas encostas das montanhas, até húmido e chuvoso tropical em algumas planícies costeiras; indivíduos de diferentes tipos físicos em todas as camadas da sociedade; uma cultura que se inspira simultaneamente na primitiva, na indígena, na budista, na maometana e na cristã; uma sociedade que compreende, em si, formas tribais, feudais e modernas; e um sistema de produção que inclui antigas artes e ofícios de elevado nível, agricultura e indústria primitivas e modernos processos agrícolas e industriais. Um país ideal, afinal. E eu estou a ver alguns dos meus leitores, já de apetite aguçado, a lamentarem-se de que a Indonésia não seja nossa vizinha continental, para lá se deslocarem em gozo turístico.

Embora seja um país jovem, a Indonésia está marcando já uma posição no Mundo, de grande responsabilidade, construindo o seu futuro pelo seu próprio esforço, não regateando, porém, qualquer ajuda material ou moral, desde que seja desinteressada e sem qualquer motivo político oculto. Por isso, as cores nacionais da sua bandeira significam: «a coragem na justiça e a pureza das aspirações», e as armas da Indonésia representam a ave denominada «garuda», que no mundo místico indonésio é o símbolo do poder

## ACTIVIDADES DA CASA DO ALGARVE

A Direcção da Casa do Algarve, tendo tomado conhecimento, na sua última reunião, através de um expressivo relato do presidente da sua Comissão de Turismo e Propaganda, da forma como decorreu a Excursão Regionalista ao Algarve, promovida pela mesma Comissão em 5 e 6 do mês findo, deliberou, por aclamação, exarar em acta votos não só da mais viva congratulação pelo êxito alcançado com tão feliz e oportuna iniciativa, mas também de reconhecido agradecimento e louvor às entidades oficiais e particulares que a possibilitaram com as suas valiosas colaborações ou gentilmente contribuíram, em todo o Algarve, com facilidades e indicações nas visitas aos museus, monumentos, etc., para que da excursão ficasse inesquecível marca no coração de todos os seus componentes.

Dentre essas entidades, foram especialmente salientados os srs. Governador Civil de Faro e presidentes das Câmaras Municipais e Comissões e Juntas de Turismo; o sr. Secretário Nacional da Informação e seu digno representante, sr. Pereira Leite; os srs. chefes do serviço Comercial, do Tráfego e do Movimento da C.P.; a Empresa de Viação Algarve, Lda.; a Direcção da F.N.A.T.; o sr. presidente da Junta de Alcantarilha; as distintas pianistas sras. D. Maria Isabel Pacheco Soares e D. Maria Augusta May Viana; os srs. drs. Fernandes Lopes, Mário Lyster Franco, Jaime Rua, Jaime Silva e José Formosinho, pelo carinhoso acolhimento dispensado em Olhão, Faro, Loulé, Tavira e Lagos; as firmas industriais «Albuhera» e «Algarve Exportador»; os representantes das Casas Regionais, srs. drs. Jaime Lopes Dias e João Almendra, presidentes das casas das Beiras e de Trás-os-Montes e Alto Douro, respectivamente; os representantes da Imprensa de Lisboa, do Porto, do Algarve, e da importante organização cinematográfica Walt Disney, dr. Amelto Fattori; os Grupos Policlóricos de Faro, de Santo Estêvão (Tavira) e Infanti de Parragil (Loulé) e o empreendedor proprietário da Estalagem de S. Cristóvão, de Lagos, sr. Hermano Baptista.

## SOBRE A INDÚSTRIA DAS CONSERVAS

### NUNCA SERÁ DEMAIS INSISTIR...

OS complicados problemas da indústria das conservas de sardinhas não são de tão fácil solução como muitas vezes se ouve dizer. É uma indústria subsidiada principalmente pela indústria-mãe da principal matéria-prima; subsidiada ainda de outras indústrias como a siderúrgica, a oleícola, etc. Vive dependente de tudo e de todos e até dos entraves de estranhos. Mas nem por isso deixa de ser grande e de pesar grandemente na balança económica e do Comércio Externo da Nação. E se, como disse há pouco alguém, pouco tem pedido e muito menos tem recebido, vimo-la agora guindada, talvez por mérito próprio, a um dos pilares onde assentará definitivamente a Constituição Política, Económica, Social e Cultural da Nação, ao lado da sua mais directa subsidiária, a Pesca. É natural que a comunhão de interesses entre ambas não se verifique logo perfeita, mas o respeito pelo interesse geral do País conseguirá harmonizar e limar arestas.

A indústria continuará acondicionando carinhosamente esses preciosos canudos prateados que o abençoado *marenostrum*, até agora, pródigoamente aqui ou ali, e mais escassamente acolá, nos envia. E lá vão elas depois, essas

criadoras, ladeada pela divisa «unidade na diversidade». Também o hino nacional, da autoria de um jovem nacionalista, jornalista e artista, é um grito de juramento de devoção.

Em conclusão: a Indonésia está em idêntica fase, sob os proficientes esforços do seu presidente Soekarno, à que Portugal já teve, iniciada sob a orientação deveras sábia do génio de Salazar.

A Indonésia nota agora a sua metamorfose e o seu despertar nacional. A nova geração está a preparar-se para a gigantesca tarefa de desenvolver o país num estado próspero, permitindo, assim, que a Indonésia desempenhe um papel importante na economia da Ásia e do Mundo, em geral.

# CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

DAVAM-LHE o nome de Fidalgo, Arthur ou António Fidalgo tanto faz para o caso.

Andava por aí pelas tabernas, a curtir bebedeiras a fio, vestindo um gabarido que parecia mais uma rodilha, as melenas cheias de caspa a caírem-lhe pelos ombros e a baba a escorrer-lhe pelos beiços e a todos que podia tocar com as mãos pedia, numa voz monocórdica e fatigada: «Vá, santinho, um copo de briol!». Arrepiava. Todo ele era medidas, salamaleques. Gabava-se de ser um homem extremamente educado, enfim, um fidalgo de gema. E era-o, era um fidalgo na sua pobreza gritante, na penúria que ostentava aos olhos impudicos do mundo. Um copo de briol! Então nos olhos mortícios, sem vida, sem acção, sem energia, fulgurava por engano um relâmpago de felicidade, como a incendiar a noite de embrutecimento em que vivia. Em horas tardias, quando se fecham as baiúcas e as ruas da cidade pertencem aos moicanos, aos vadios e aos gatos espíritos, o Fidalgo arrotando a vinho, o gabarido a dançar-lhe nos ombros magros, corria a rua, ganindo estrofes à lua, saltando tais pragas que as próprias estrelas se escondiam no céu, como envergonhadas do desaforo bestial de semelhante bêbado. Um dia, alguém, muito compadecido com a

## A DOCA DE PESCA

Para a construção da doca de pesca de Vila Real de Santo António, foi concedido à Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve o subsídio de 4 800 contos.

Toda a população aguarda ansiosamente o início dos trabalhos deste importante melhoramento, cuja falta se faz sentir, especialmente nesta época de pesca intensa, em que têm ocorrido ao nosso porto embarcações pesqueiras de todos os pontos do Algarve e até de bem distantes paragens do Norte do País, o que torna mais agudos os problemas de descarga do pescado no molhe comercial.

sorte negra do Fidalgo, alvitrou que as autoridades o deviam conduzir ao manicómio ou à prisão. «Não se admite que a nossa cidade tolere abencerragens desta espécie, a nossa bela cidade, este cateirinho mimoso da Europa.» O Fidalgo ouviu, empertigou o corpo, e respondeu na sua voz nasalada, a tresandar a vinhaça: O cavalheiro rode, que eu cá não sou gatuno, nem doido. E não era, na verdade. Lá doido era, como todos nós, bichos impressio-

POR  
N. RODRIGUES PENA

náveis à desgraça e acuidos aos cantos, apavorados por perigos de quem lhe não sabíamos a origem, nem lhe conhecíamos a cor. De resto, o humúnculo não fazia mal a uma mosca. Deixassem-no beber até cair de borco, tolerassem-no nas pedras das calçadas a insultar as estrelas e a lua, a cuspir nas virtudes e vícios dos homens, a proclamar aos quatro ventos que ele era o Fidalgo, um homem como qualquer outro, um homem acima dos outros e tão respeitável como os mais respeitáveis cidadãos do orbe.

Um dia de inverno, quando a chuva alagava a rua e a água transbordava pelas valetas, e o vento se insinuava pelas paredes, fomos encontrá-lo ali, à volta duma venerável estátua, os olhos ainda congestionados de bebedeira recente, em curvaturas de espinha e salamaleques que faziam o gáudio duma meia dúzia de rapazes vadios e malcriados. Nunca vira espectáculo mais triste e mais burlesco. O gabarido dançava-lhe nos ombros, a baba dissolvía-se na chuva que escorria pelo rosto, e o Fidalgo muito direito, muito empertigado, rodava à volta da velha estátua. Eu era então novo, andava aí pelos deztoito anos e acreditava, como não podia deixar de ser, na resurreição dum mundo novo, encarnado num novo messias, ou obra duma destruição apocalíptica que varresse desta terra a miséria e a degradação humana. Entristeceu-me profundamente semelhante espectáculo. Eu conhecia o homem das baiúcas abjectas, era ali o seu meio e pareceu-me que, ao vê-lo ali, na praça aristocrática da cidade, toda a sua verdadeira personalidade se amesquinhasa. Nunca compreendi bem o significado dos gestos e atitudes do homenzinho; inútil tentar compreender. Alguém, no entanto, sugeriu que as vênias do triste constituíam um claro protesto contra o abandono das glórias tradicionais, o vilipêndio da grandeza do nosso passado. E ainda outro, mais audacioso ou mais arguto, aventou que o Fidalgo era a voz da Providência, no seu estado mais puro e singular.

E nós, rapazes, crédulos, dispostos a participar em todas as empresas que prometiam o resgate do mundo, erguemos o Fidalgo à categoria de símbolo. Dívidas suscitadas por espíritos cépticos eram imediatamente reduzidas a fanicos, destruídas rapidamente contra este decisivo argumento que nos abria os cérebros com uma nova verdade. Andavam então os nossos ouvidos inebriados com sons duma nova música. Todos falavam de tradição, raça, acordes duma nova harmonia, e o Fidalgo com os seus gestos enigmáticos e indecifráveis, as suas palavras segredadas, era bem como a voz do destino a estigmatizar os desvarios e erros dos homens. País de bandarras, de sebastianistas, leiloeiros de todas as mesinhas «made in Italy» ou «in Germany», porque, não havíamos nós também de criar um nosso profeta, um pobre diabo que demais se chamava Fidaigo e sabia zurzir com valentia os desconchavos dos homens, como prestar o culto à grandeza histórica.

Não me recordo perfeitamente das atenções que lhe prestámos, mas lembro-me de que durante algum tempo a rapaziada engrandecia a figura miserável e sórdida do Fidalgo e todos lhe devotámos culto e admiração. Era o ideal a sobrepôr-se à mesquinha realidade. E durante muito tempo embalsamos nos nossos corações essa imagem esquelética e triste, os olhos esgazeados, postos na estátua da praça aristocrática da cidade.

O Fidalgo era um louco ou an-

possuía um organismo criado com força de lei, — o Instituto Português de Conservas de Peixe, — que condiciona, dirige e orienta a indústria, talvez coubesse a este e não ao Estado criar, e quanto antes, a Escola Técnico-Científica para a formação dos que virão a ser os seus bons colaboradores, e como tal, da indústria em geral. A nós preocupa-nos exclusivamente a formação dos técnicos, daqueles que amanhã nos trariam às fábricas os resultados das suas investigações, experiências técnicas, análises, etc.

José da Cruz Azevedo

tes um profeta? Um irresponsável ou um dominador do destino? E todos lamentámos que não tivéssemos dinheiro suficiente para o coroarmos de flores.

Morreu no campo da honra. Uma noite, uma dessas noites de chuva e vento, de chuva e lama, o Fidalgo, depois de se encharcar de vinho, andou para ali em vómitos e convulsões até cair de borco no meio da rua. Madruga-da, algumas estrelas lívidas, no céu lavado, vieram encontrá-lo morto, os olhos abertos, desvairadamente abertos, como se, num derradeiro esforço, quisessem ainda penetrar nos mistérios da vida.

Os jornais deram uma notícia lacónica e uma alma piedosa dispôs-se a pagar o funeral, já que um mundo cioso do culto do indivíduo nem sequer de nome conhecia o triste.

## ESTÁ CONSTITUÍDA A "LIGA PORTUGUESA DOS DEFICIENTES MOTORES"

que se propõe estudar os problemas das crianças paralisadas

COM a aprovação oficial, acaba de se constituir a «Liga Portuguesa dos Deficientes Motores», que se destina a reunir numa mesma Associação os pais, os técnicos, todas as pessoas interessadas, e em particular os indivíduos atingidos por deficiência ou deformidade afectando de forma predominante a dinâmica corporal.

A Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, que se propõe divulgar os meios de prevenir as perturbações motoras, promover a reeducação precoce das crianças atingidas e proteger socialmente os deficientes, é de iniciativa de um grupo de pessoas de que fazem parte: dr.ª Arminda Grilo (médica), dr. João dos Santos (psiquiatra do Hospital Júlio de Matos), Madame Julienne Van Wanghe Cypriano (assistente social pela Escola Católica do Serviço Social de Bruxelas), dr.ª Margarida Roque Gameiro Mendo (médica escolar), D. Maria Gabriela Sales (chefe do Serviço Social do Dispensário de Higiene Mental de Lisboa), D. Maria Luísa Alves, (aluna do Curso de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa), D. Rosa Benfeito (professora do Ensino Particular), D. Rosália Ramos (enfermeira de saúde pública, instrutora da Escola de Enfermagem do I. P. O.) e D. Maria Lúcia Silva Rosa (directora do jornal «Os Nossos Filhos»).

A 1.ª Assembleia Geral, que se reuniu na sede provisória da Liga, Praça Andrade Caminha, n.º 5, r./c., elegeu os seus corpos directivos, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — presidente, D. Mariana Bonneville Franco; vogais, D. Maria Luísa Torres Pires e dr. Cortezão Casimiro.

Direcção — presidente, dr. João dos Santos; vice-presidente, D. Maria Luísa Alves; secretária-geral, Madame Julienne Cypriano; 2.ª secretária, dr.ª Arminda Grilo; tesoureira, D. Rosa Benfeito; vogais, Madame Silva Araújo e D. Maria Lúcia Silva Rosa.

Conselho Fiscal — dr.ª Gabriela Silva e Sousa, D. Estrela Amorim e dr. Mário de Castro.

Conselho Técnico — médicos, dr. João dos Santos, dr.ª Margarida Mendo e dr. Horácio Menano; enfermeiras, D. Rosália Ramos e D. Alice Gentil Menano, psicóloga, dr.ª Maria Borges; assistente social, D. Gabriela Sales; pedagogo, professor Júlio Santos; e uma mãe, D. Maria Luísa Alves.

Pelos fins humanitários que se propõe atingir, a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores bem merece que todos os portugueses lhe deem o seu apoio moral e material.

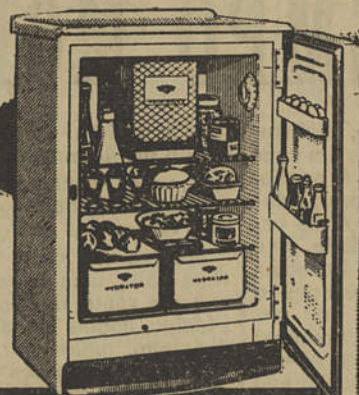
Assina e propaga «Notícias do Algarve»

## AVISO

A signatária torna público que se opõe ao pagamento das dívidas contraídas por seu marido Manuel Baptista Forra — sem sua ologra — desde que sejam executadas a totalidade dos bens comuns do seu casal, pois provará que tais dívidas não são contraídas em proveito comum de ambos, pois a signatária não vive maritalmente com o seu referido marido — há mais de vinte anos.

Vila Real de Santo António, 8 de Junho de 1966.

a) Rita Angélica Antunes



Um verdadeiro  
**FRIGIDAIRE**

com todas as vantagens e características dos grandes modelos Frigidaire  
O frigorífico ideal para FAMILÍAS PEQUENAS  
De dimensões práticas, pode servir também como mesa auxiliar na cozinha

GENERAL MOTORS, R. Particular, N.º 2 (Algarve) Tel. 638181 — Lisboa ★ AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS DO PAÍS

Agente no Algarve:

**José Mateus Horta**

Rua Dr. Cândido Guerreiro, 50

Telefone 248

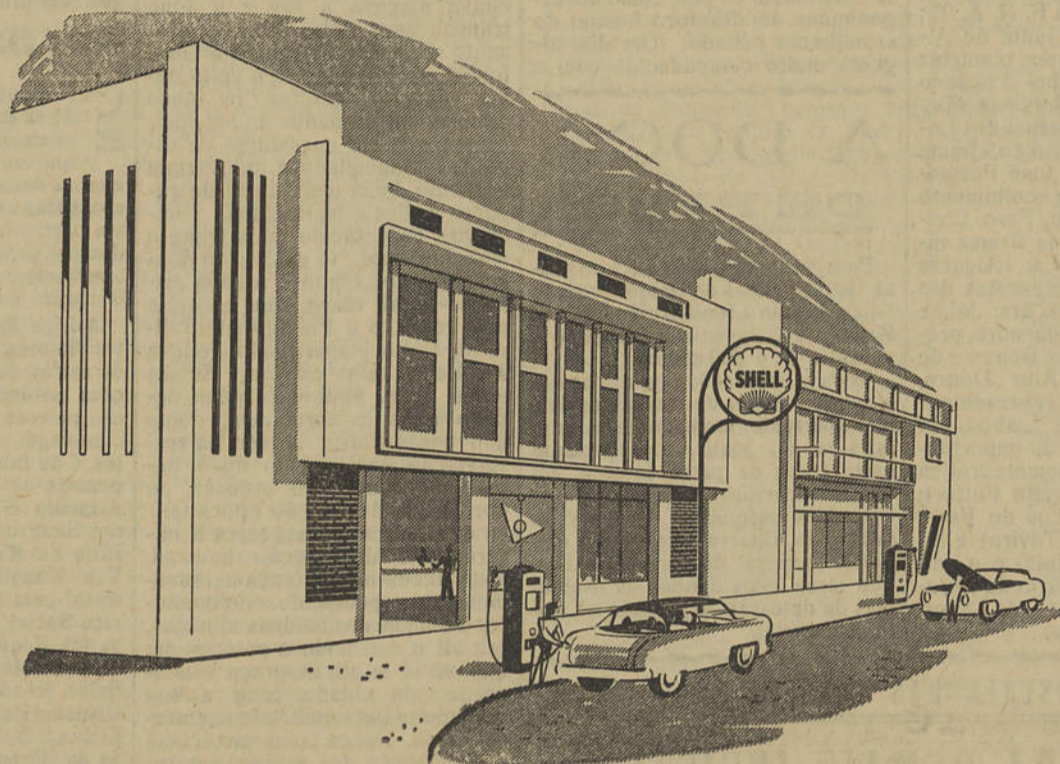
**FARO**

A partir de  
**6.600\$**

PRODUTOS SHELL



CONCESSIONÁRIOS DA



# FARAUTO

## Limitada

ESTAÇÃO DE SERVIÇO  
PRONTO SOCORRO  
BATE-CHAPA  
EQUÍLIBRIO DE RODAS  
ALINHAMENTO DE DIRECCÕES  
GASOLINA

OFICINA DE MECANICA  
ELECTRICIDADE  
PINTURA  
FOCAGEM DE FAROIS  
ÓLEOS SHELL  
GASÓLEO

SECÇÃO DE PEÇAS LEGÍTIMAS  
PARA AS MARCAS SUAS REPRESENTADAS

LARGO DO MERCADO / FARO

TELEFONES: OFICINAS, PEÇAS E PRONTO SOCORRO 252 / STAND 767



## ESTABELECEMENTOS IMPÉRIO

PARA BEM SERVIR

Fazendas, Calçado e Merceria	Telefone 165
Mercearias, Tabacos, Combustíveis, Lubrificantes, Cervejas e Águas Minerais	Telefone 45
Pastelaria Império	Telefone 186
Café Restaurante Comercial	Telefone 125
Instalações de Gasóleo (Cais)	Telefone 120

**VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

**R. Durão Rodrigues & F.ºs, L.ª**

**ARMAZÉM DE PAPELARIA**

**Fábrica de Envelopes e Cartonagem**

CAIXAS DE CARTÃO CANELADO (Sistema Americano)

Armazém:—375, R. António Carneiro, 381 Telefone 51162/3

Escritório e Fábrica—R. do Falcão, 10 Gerência 52903

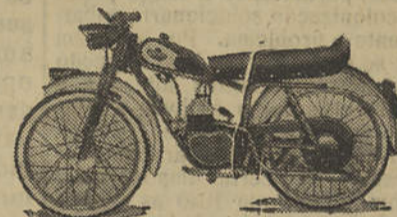
**PORTO**

## LAVALETTE 49 CC

ISENTA DE CARTA

3 velocidades - Kick-Starter  
Magneto 25/25 Watts

Única com admissão  
de ar directa



Vencedora das «24 horas de Bruxelas» em 1953 e  
1954 e do «Raid» do Mediterrâneo — 10.000 kms.

**Organização LAVALETTE**

Avenida Fernão de Magalhães, 535-537

Telefone 53117 **PORTO**

ACEITAM-SE AGENTES

## COMUNICADO FÁBRICAS ALBERTO DE SOUSA

Têm o prazer de apresentar o novo produto alemão HIDRO-FUGANTE «FERCOU», para impermeabilização de construções, que evita, para sempre a humidade nos prédios.

HIDROFUGANTE «FERCOU» é um líquido incolor, que se aplica a pincel ou trincha sobre qualquer superfície: muros, placas de cimento, pedra, tijolo, fibro-cimento, telhas ou qualquer superfície pintada a tintas a água ou plástica e nesta é 100% eficaz. Não é completamente radical nas pinturas à base de óleo. Especial para paredes muito húmidas. Protege contra acção destruidora de intempéries e aumenta a resistência das paredes e pode ser lavado com água, sabão, etc. Um litro dá para duas demãos, cobrindo 25 metros quadrados. A segunda demão só pode ser aplicada 10 horas depois da primeira e em superfícies muito húmidas, a segunda demão só deverá ser aplicada 48 horas depois. A aplicação deve ser feita com tempo seco. PEÇAM AMOSTRAS para a R. Mouzinho da Silveira, 135 — Telef. 23315 — PORTO

### CASA DOS GESTOS, LDA.

Avenida Duque d'Avila, 8-B (ao Arco do Cego)

TELEFONE 4.58.33

**LISBOA**

Móveis de verga «Iha», Móveis de junco c/ armação em ferro, Estores de tabuinhas e de vime «contra-moscas», Alcofas e suportes para bebés, Cadeiras-maples e bancos de lona, Cadeiras e bancos de ferro com lona, Carpetes, Tapetes e Capachos, Passadeiras, Esteiras, Mantas-assentos e capachos para automóveis,  
— Cestos para todos os fins, etc., etc. —

### Pensão Alentejana

Largo da Trindade, 16

Telefone: 23084

**LISBOA**

Com nova gerência e completamente remodelada, esta pensão situada no melhor local da cidade, dispõe de magníficos aposentos e óptimo serviço de mesa

Preferi-la é ter a certeza de ficar bem servido

Preços convidativos

## FRIGORIFICOS

Para talhos, Cafés, restaurantes e domésticos

Grandes facilidades de pagamento

**Agência Comercial de Faro, Lda.**

TELEFONE 76 **FARO**

Filial: Telefone 417 — Rua Diogo Tomé, 25 — **PORTIMÃO**

**SENHORES ARMADORES!**

O seu barco precisa de ser reparado ou limpo?

**NÃO HESITE**

Entregue-o aos cuidados do construtor naval

**ANTÓNIO PENA**

Só no PLANO INCLINADO PENA, receberá todas as benéficas necessárias, com a máxima rapidez e economia

Avenida da República — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**Farmo-técnica, Lda.**ARMAZENISTAS  
IMPORTADORES

Equipamento Farmacêutico e Hospitalar

**COIMBRA**

Avenida Navarro, 41—Telf. 2221

Telegramas FARMO - Apartado 137

**BOLINDER'S**

«DIESEL» - 4 TEMPOS

MOTORES INDUSTRIAIS E MARÍTIMOS  
GRUPOS ELECTROGÉNIOS E AUXILIARES DE BORDO  
MOTO-BOMBAS = COMPRESSORES DE AR, ETC.  
UNIDADES EM ARMAZÉM PARA ENTREGA IMEDIATA

REPRESENTANTES

Agência Marítima Transatlântica, L.<sup>da</sup>

«SECÇÃO TÉCNICA»

Rua S. Paulo, 9-1.º - Telf. 29330 - LISBOA

AGENTES NO ALGARVE

JOSÉ D'ABREU PIMENTA  
LAGOSAGÊNCIA COMERCIAL E MARÍTIMA DO SUL  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.<sup>DA</sup>**

AVEIRO-PORTUGAL

Pesca do Bacalhau por Arrasto e Instalações de Secagem e  
Conservação de Bacalhau na Gafanha da Nazaré - Aveiro

Produtores de Óleo de Fígado de Bacalhau, Tipo Medicinal

PESCA DO ATUM

PESCA DA SARDINHA

PESCA DO ARRASTO

Frota de Arrastões de Bacalhau:

"SANTA JOANA", "SANTA PRINCESA", "SANTA MAFALDA",  
"SANTO ANDRÉ" e "SÃO GONÇALINHO"

Frota de Atuneiros: "RIO VOUGA" e "RIO ÁGUEDA"

Frota de Arrastões do Alto: "RIO CAIMA" e "RIO CÉRTIMA" (em construção)

Frota da Sardinha: Traineiras "JEREMIAS", "LIVIO", "AUGUSTO", "ALBINO" e "MELINDE"

**José Maria Gomes & Irmão**

Compram e vendem:

Todas as qualidades de su-  
cata — Navios, Batelões

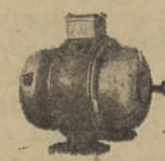
Fábricas para desmantelar, etc., etc.

Escritório e Armazém em edifício próprio

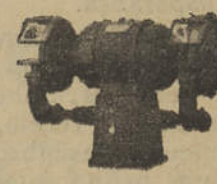
Rua Arco a Alcantara, 46

Telefones 666614-638191

LISBOA

**FRANCISCO PIÇARRA & C.ª L.ª**Construção, transformação e reparação de máquinas eléctricas  
e seus acessórios, instalações de baixa e alta tensão e em naviosSereias para to-  
dos os fins

Motor de c. c.

Esmeriladores de  
c. c.

Telefones 92-714

— Telegramas FRAPIL

— Apartado 20

AVEIRO

# UMA COMÉDIA TRISTE

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

que importa. E começando a aventura cheia de receios, ela com toda a sua garotice, abandonou-se inteligentemente à tarefa que o povo lhe incumbira. E Nazaré, representando o seu papel, excedia todas as esperanças que o povo nela depositara. Estava a orientar o seu capricho duma maneira consciente, terrivelmente pérfida. Nunca a terra gozara semelhante espectáculo, comédia tão divertida.—Então esse baboso está convencido de que te leva à igreja? —E quem formulava tal pergunta falava num tom rúde e seguro, ao mesmo tempo que as mãos nervosas deslizavam pela rijeza dos seios que se empinavam na blusa da rapariga. Ela casquinava: Nunca o pobre me tocou, sempre muito respeitoso, como se fosse sua irmã! Nunca o pobre estendeu um dedo para a minha face, nem mesmo quando o provoço, se atreve a tocar-me! O rapaz, excitado, ria alarvemente, os olhos luziam-lhe de desejo, e as mãos febris e nervosas continuavam a tactear a dureza dos seios da namorada. — Fosses tu assim como ele, mas tu só estás bem a agitar as mãos. — E o que diz esse bruto, baboseiras, não? — Ora, porta-se como um cavalheiro; gostava que o ouvisses.

Um dia, irás comigo e ouvirás as mais lindas palavras que um homem pode dizer a uma mulher. Eu não sei onde ele aprendeu tanta coisa, aonde foi buscar tantas ideias bonitas. Vá, não estejas com ciúmes, Adriano! Mas se tu ouvisses, se tu ouvisses o que ele diz, espantar-te-ias como um homem pode encontrar tantas palavras para traduzirem os seus desejos. A's vezes, até fecho os olhos para esquecer a sua presença, para não ver o seu feio rosto, o corpo escangalhado de velho, e então só ouço as suas palavras, a toada sonhadora das suas palavras. Lembras-te Adriano, daquele homem que um dia apareceu na terra e tocava tão belas modas no seu harmónio? Todos o achavam feio — e era — era feio que nem um bode, a cara toda cheia de cicatrizes, como se lhe tivessem anavaldado o rosto, a barba negra e crescida, o queixo quase sumido, e a boca horrível, arrepanhada para o lado. Todos o achavam horrível, não era, Adriano? Pois, quando o estafermo do homem começava a tocar, todo ele se transformava, o rosto parecia iluminar-se, e nós acabávamos apenas por ver o brilho dos seus olhos, aquela tristeza que nadava sempre nos seus olhos. Pois o Artur, quando fala, acontece-me o mesmo. Quase me esqueço que é o Seródio que fala.—Mas ele fala sempre, fala muito? — perguntou o rapaz num tom violento. — Não, nem sempre fala, raras vezes se entusiasma. Ora fala da vida com desprezo, ora com uma doída esperança.

Parece que eu é que lhe dirijo o pensamento. Não sei se percebes. Sabes? o que eu tenho é receio, medo quando descubro no olhar um brilho diferente que não me futura coisas boas. Assusto-me, Adriano! Assusto-me que ele se tenha convencido da seriedade da nossa comédia.—Palermices—gritou o rapaz.—Palermices, sim, mas isso não tira que eu ando com medo e não sinto os meus

remorsos. Artur é capaz de qualquer tolice, sei lá, qualquer tolice que estragaria a nossa vida inteira. Palermices! gritou novamente o rapaz. — O «Seródio» é um bolas, toda a vida tem sido um bombo de porrada, bom apenas para servir os outros.

Mas estive a pensar que é melhor acabarmos de vez com a paródia, dar a entender que tu não és fonte onde esse bruto possa matar a sede. E uma ideia rápida, maldosa, vingou bruscamente. No domingo, no largo, vou dançar toda a tarde contigo. Ele tem o hábito de se encostar ao muro e ficar ali horas esquecidas a devorar-te com os olhos. Acaba ali a comédia e vai sair de lá com a alma em trapos, mais escura do que a lama. Se se convenceu de que gostavas dele, tanto pior, vai ser humilhado! Mas eu penso que o «Seródio» não é tipo para valentias. A rapariga ainda protestou, protestou debilmente, certa de que não poderia modificar o curso das coisas.—Ouve, Adriano, era melhor que me deixasses resolver o assunto. Dar-lhe a entender que me enganei na minha afeição, que seria melhor acabarmos com o desvaneio. Mas Nazaré ao descobrir um sorriso de escárneo nos lábios do namorado, não teve mais dúvidas que a sua vontade estava derrotada por uma vontade mais forte. E as palavras de Adriano, concludentes e lógicas, tinham a violência dos argumentos sólidos que não admitem possível réplica.

Sol, poeira, gritos alegres da mocidade que se não dá por vencida pelo trabalho duro da semana, e uma música espalhafatosa, rítmica, velozmente rítmica que exige das pernas e dos corpos vigorosos uma elasticidade que só a juventude lhe pode dar. Nazaré, os seus vinte anos bravios, os olhos maliciosos, o seu corpo delgado justo no vestido vermelho, volteia doidamente nos braços duros de Adriano. As vozes cansadas do harmónio enchem os ouvidos duma toada alegre, barulhenta, vertiginosa. Sorri, sorri para esse velho baboso! A' volta, cabeças esquentadas pelo vinho, os olhos adormecidos pelo alcool e fadiga piscam e encontram-se em olhares de entendimento—olhares de malícia, escárneo e maldade. Sorri, sorri para esse velho baboso! Nos olhares de Nazaré, nos seus olhos azougados, apagou-se todo o fulgor. Debilmente, sem convicção recusa, ao namorado a satisfação do seu cruel pedido. Mas a sua vontade é apenas um murmúrio, que uma corrente mais forte arrasta como um destroço. E a voz de Adriano, implacável e dura como uma vergastada dum chicote, vibra sem compaixão, volve sempre, dominadora, imperiosa, violenta: Sorri para esse velho baboso! A cabeça de Nazaré, os cabelos revoltos, ergue-se sobre o ombro do companheiro, os seus olhos ganham novo brilho, os lábios tímidos e vermelhos desprendem-se num sorriso, numa mentirosa dádiva que é o sorriso oferecido ao homem encostado ao muro. Jamais Nazaré, no desenrolar de todo o seu pérfido papel, mostrara uma tal perfeição, tão impecável virtuosismo no desempenho de tão singular comédia. E os olhares de todos convergem para a

figura de «Seródio». Já não são sorrisos equívocos a aflorarem nos lábios, mas gargalhadas que estoiram estupidamente, numa alegria selvagem e irreflectida. E ninguém a não ser Nazaré descobriu no rosto envelhecido e torturado de «Seródio» o brilho da felicidade que o transforma e rejuvenesce. Sorri, sorri para esse velho baboso! A música aumentou de ritmo, tornou-se qualquer coisa de fantástico, de irrequieto, uma loucura, um frenesim galvaniza os corpos e as pernas. Mas o rosto de Artur, até aí iluminado, cobre-se de sombras, o olhar torna-se inquieto, turvo. Sorri, sorri para esse velho baboso! E as gargalhadas irropem estrondosamente e o «Seródio» há muito que percebeu que o atingiram no mais fundo do seu coração. As mãos nervosas revolvem as algibeiras e apertam, com febre, quase com delírio, o cabo de uma navalha. E dos lábios secos, como estorricados por uma sede que parecia vir dos alvares da sua vida, pronunciam as mesmas palavras;—Porque fazes isso, Nazaré? Porque toda esta brincadeira? E na sua frente, provocador, um riso mau a alargar-lhe a boca, Adriano desafia-o com a troça e humilhação. No lar-

go, a dança ganhou nova vertigem, e ele, amarfanhado, o olhar toldado, já não distingue rostos nem corpos naquela nuvem de poeira. Só sente na mão escaldante o contacto frio da folha da navalha. Meu Deus, porque toda essa brincadeira?! Então um homem tem um dia um sonho, acorda com a felicidade nos lábios e, num momento, troçam do seu sonho e semeiam no coração o maior desespero! Vá, Nazaré, sorri para esse velho baboso! Mas a rapariga está entontecida, e o seu corpo inclina-se, tomba, como vencida e cai no chão, erguendo os braços esguios, em súplicas que os seus lábios não sabem ou não podem balbuciar. O «Seródio» endireita o busto, o seu olhar estoirado de raiva irradia ameaças, e num salto, e num golpe ágil onde concentrara todas as energias, lança-se de navalha aberta sobre o corpo de Adriano.

Tudo tão imprevisto e irreflectido, tudo tão rápido.

Bruscamente, as vozes da concertina emudeceram, os corpos esqueceram-se de rodopiar, nos rostos de todos paira a surpresa, o terror.

Ardente, vivo como o sol da tarde, o sangue-tinge tudo de vermelho e perde-se na terra, como a saciar a sua aridez e secura.

Rodrigues Pena

## UM POEMA DE MENDES DE CARVALHO

### FONTE

O cisne corta a água, mansamente.  
No lago,  
a estátua da preguiça  
mesmo de pedra...  
mesmo de pedra...  
Só por um gesto, morre de sede—  
— embora a água corra tranquila.

E eu—que tenho tanta sede  
e sangro os pés no caminho  
em busca da minha fonte,  
nem no cabeço,  
nem na montanha  
encontro água sem veneno,  
cristalina e fresca!  
Os homens enlodaçaram  
as fontes de água cantante,  
mas não mataram a minha sede.  
Ai! não mataram a minha sede—  
— que ela não morre!

Seja no monte  
ou no vale,  
hei-de encontrar a vertente  
e ter um dia a minha fonte  
— de água corrente.

## FOMENTO COMERCIAL DE PAPELARIA, LDA.

### PAPÉIS

Rua Filipe Folque, 7-2.º-D.

End. Teleg.: FOPAPEL Telef.: 55865

LISBOA

## RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

### RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga-Vila Real de Santo António

## MARISCOS

O Café DOLI tem o prazer de informar os seus clientes e amigos de que tem sempre em existência mariscos: Lagostas, Santolas, Lavagantes, Camarões e outras espécies similares, sempre frescas

Também fornece mariscos ao domicílio  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## SANCHES & BARROSO, L.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Proprietários e Exploradores do CINE-FOZ  
Sub-Agentes depositários de Fibrocimento «NOVINCO»  
Agentes de Tubos plásticos «UNISOTRA»

Agentes depositários da Refinaria de Azeites SOFAL  
Correspondentes do BANCO LISBOA & AÇORES

AGENTES DE:

NAVIOS DE CARGA, BARCOS DE PESCA E ARMAÇÕES DE ATUM

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Viuva Vasques Azevedo, Martin Navarro & C., L.ª

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES — REPRESENTAÇÕES

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Telefones { Escritório, 69  
Residência, 192

Endereço Telegráfico  
ODEVEZA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Prefira sempre os seus Seguros num bom  
Agente e numa boa Companhia, para se-  
gurança das suas apólices.

PROCURE

## ANTÓNIO SOARES

Com escritório de Comissões e Representações

RUA MIGUEL BOMBARDA, 86

— TELEFONE 118 —

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## As melhores marcas de CERVEJA

S A G R E S

EXPORT-BEER PÉROLA

T O P A Z I O

DA

## Sociedade Central de Cervejas

Av. Almirante Reis, 115

L I S B O A



# MONTEPIO GERAL

## CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Recebe DEPÓSITOS A ORDEM E A PRAZO  
e realiza as seguintes operações:

### EMPRÉSTIMOS

- s/ prédios rústicos e urbanos
- s/ papéis de créditos
- s/ metais e pedras preciosas

ALUGUER DE COFRES FORTES  
ARRECADACÃO DE VALORES NAS CASAS-FORTES  
COBRANÇA DE JUROS E DIVIDENDOS  
COMPRA DE CUPÕES  
TRANSFERÊNCIAS DE NUMERÁRIO

Sede em Lisboa — Rua do Ouro, 219 a 241

Filial no Porto — Av. dos Aliados, 90

AGÊNCIAS EM COIMBRA, ÉVORA e FARO

## Companhia de Seguros Previsão

Rua Garrett, 61 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Correspondente em Vila Real de Santo António

**Manuel André Simões**

### H. VAULTIER & C.<sup>a</sup>

F A R O

LUBRIFICANTES

«EAGLOIL» e «ESSO»

MATERIAL DE INCENDIO  
ESPANQUES—INSECTICIDAS  
ARTIGOS AUTO—MOTORES  
TUBOS—FERRO

e máquinas para:

Lavoura, Moagens, Lagares, etc.

### José do Nascimento Gomes & Filhos

ESTALEIRO NAVAL

Encarrega-se da construção e re-  
paração de traineiras e enviadas

Neste estaleiro foram construídas as  
traineiras «Maria Rosa», «Raulito» e  
«Conceiçanita» sendo esta última o  
mais moderno tipo de traineira

Avenida da República

Vila Real de Santo António

### Papel Vegetal

Vende, como em Lis-  
boa, aos melhores pre-  
ços, Clemente & Filhos,  
Lda., Telefone 92 — Vila  
Real de Santo António.

### V. Ex.<sup>a</sup> val a Évora?

Visite a PENSÃO POLICARPO. Confortáveis  
quartos. Águas correntes quentes e frias  
no 1.º andar. Excelente serviço de mesa.  
Recolha privativa de Carros

Rua Freiria de Baixo, 16    Rua Conde da Serra, 9, 11  
TELEFONE 2 424                      ÉVORA

### Sociedade Comercial Airi, Lda.

RUA TEÓFILO BRAGA  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

### FAZENDAS - MIUDEZAS

A Casa que mais barato vende

### Francisco Alves Pessanha

—TELEFONE 222—

Avenida da República, 66  
ÓLEOS E GAZOIL

**B P**

Seguros em todos os Ramos  
Vila Real de Santo António

- BANCOS PARA JARDINS
- CARROS DE LIMPESA PARA CANTONEIROS
- CARROS DE MÃO PARA OBRAS, DE FERRO E DE MADEIRA
- CANDEEIROS DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA EM MARMORITE POLIDA
- POSTES DE BETÃO ARMADO PARA REDE ELÉCTRICA

Pedir catálogos a:

Leopoldo Gualter Gomes Junior

Rua do Benfornoso, 157

TELEFONE 34773

— LISBOA —

Não sacrifique a qualidade ao preço!

Calce a família com sapatos:



Vendedor exclusivo em

Vila Real de Santo António

V.<sup>a</sup> de José Trindade Coelho

# TIPOGRAFIA SOCORRO

1891



1956

DEVOTADOS AO SERVIÇO  
DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA  
DE PORTUGAL

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Alfredo de Campos Faisca

FERRAGENS PARA LAVOURA E CONSTRUÇÃO, FERRAMENTAS,  
DROGAS, TINTAS, ÓLEOS, CABOS — FERRO e AÇOS  
Agente das Máquinas de Costura «OLIVA»

TELEFONE 143

Rua Sousa Martins, 58-A, 58-B

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Fábrica de Foices e Verdugos em CASTRO MARIM

TELEFONE 13

## António Vasques Gonçalves

DESPACHANTE OFICIAL

Telefone 2.31 55

Alfândega — LISBOA

## CASA PINHEIRO

DE

António Pinheiro Júnior

TELEFONE 100

Estabelecimento de  
FAZENDAS DE LÃ  
e ALGODÃO

Rua Teófilo Braga

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## CASA PIRES

COM

Estabelecimento de:

MERCEARIAS,

LOUÇAS,

VIDROS

e ESMALTES

VINHOS ENGARRAFADOS

e ÁGUAS DE MONCHIQUE

Rua Teófilo Braga

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## CASAS

Vendem-se duas, na  
Rua Cândido dos Reis,  
n.º 28 e 138.

Dirigir à Drogeria Pe-  
na — Vila Real de Santo  
António.

## PRECISA-SE

Ferrador encartado.

Tratar com José Va-  
lente Rodrigues da Sil-  
va, Rua Pinheiro Chagas,  
16 — Vila Real de Santo  
António.

## MERCEARIA NOVA

DE

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO

Rua Barão do Rio Zezere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Acaba de receber um lindo sortido de  
louças e vidros das melhores qualidades  
VISTA ALEGRE, COIMBRA E SACAVEM

Nesta casa encontrará V. Ex.º os melhores Brindes  
VISITE E CONFRONTE

## AS CAVES DO GUADIANA

DE VICENTE RODRIGUES

TELEFONE 74



## CAFÉ RESTAURANTE

O MELHOR DO GÊNERO NO ALGARVE

VINHOS DE MESA VERDES E MADUROS  
— DAS MELHORES QUALIDADES —

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Agradece a visita de V. Ex.º e recomende a nossa casa às pessoas suas amigas

## CASA CORREIA

DE

JOAQUIM BATISTA PEDRO CORREIA

COMPLETO SORTIDO EM MERCEARIA FINA

O proprietário agradece a visita dos seus clientes e amigos

Praça Marquês de Pombal, 32

TELEFONE 84

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O «Notícias do Algarve»  
vende-se em Olhão, na Livra-  
ria Capela, Rua do Comércio.

## VENDE-SE

Propriedade, de óptimo  
rendimento, com pomar,  
terras de regadio e se-  
queiro, vinha e diversas  
árvores de fruto. Água  
abundante.

Sita nas proximidades  
de Altura do Sul.

Aceita propostas, em  
carta fechada, José Luis  
do Carmo, até ao dia 1  
de Julho p. f., pelas 15  
horas, reservando-se o  
direito de não entregar  
se o preço não convier.

## NA SOCIEDADE AGRÍCOLA FORNECEDORA DE LEITE, LDA.

Encontra V. Ex.º o mais delicioso sortido de  
pastéis e bolos finos, fornecendo-se  
leite a qualquer hora

RUA CÂNDIDO DOS REIS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Tem V. Ex.º necessidade de comprar

LUBRIFICANTES CASTROL  
LUBRIFICADORES PARA MASSAS E VALVULINAS  
BATERIAS ARGAL — PNEUS MICHELIN  
CAMIONS SCANIA - VABIS  
Motores Diesel Marítimos — Bolinders e Caterpillar  
MOTORES INDUSTRIAIS LISTER - DIESEL  
GRUPOS DE REGA LISTER - DIESEL  
MOTORES INDUSTRIAIS «VICTOR CONVENTRY»  
GRUPOS DE REGA A PETRÓLEO «WISCONSIN»  
CORREIAS TRAPEZOIDAIS, de BORRACHA, de COIRO  
Sondas de Pesca ATLAS e Bóias Luminosas para Pesca  
Papel para Sondas KELVIN-HUGHES e para Sondas ATLAS  
BUSSULAS PARA NAVEGAÇÃO  
PROJECTORES PARA NAVEGAÇÃO de 12 e 24 volts,  
EXTINTORES — ASPIRADORES — ENCERADORAS  
FRIGORÍFICOS ELECTROLUX — BOSCH e KELVINATOR  
Filtros para depuração de Águas, Licores e Fábricas de Xaropes  
ÓPTICA  
RÁDIOS das marcas TE-KA-DÊ e BUSH  
APARELHOS DE RÁDIO COMUNICAÇÃO - RÁDIO TELEFONE  
ARTIGOS DE BORRACHA e PLÁSTICOS  
BANDEIRAS NACIONAIS  
VELAS K. L. G.  
MACACOS HIDRAULICOS  
Tubos Chupadores para Rega em Borracha e Plástico  
Maquinaria para a Construção Civil e de Estradas  
e outros artigos

CONSULTE SEMPRE A

AGÊNCIA COMERCIAL E MARÍTIMA DO SUL

Avenida da República, 65-66 — Telefone 76

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

# HOMENAGEM À IMPRENSA ALGARVIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

escritor em que transparece, nítido, o seu amor ao Algarve; afirmou que o sr. dr. Mário Lyster Franco pode ser considerado o bastonário da ordem do regionalismo algarvio, a ele se devendo a bibliografia da província, preparação de congressos e a regular publicação do jornal «Correio do Sul», estrênuo defensor dos interesses do Algarve. Falando de José Barão, afirmou tratar-se de um repórter competetíssimo, activo, trabalhador, cronista de mérito, em tudo e por tudo um jornalista primoroso, que desde os 18 anos, no «Correio Olhanense» e em «Os Novos», marcou a sua vocação, amplamente confirmada quando passou para o profissionalismo, sendo digno de relevo que há trinta e um anos trabalha em «O Século», do qual é categorizado redactor. Acrescentou que José Barão muito trabalhou para o 2.º Congresso Algarvio. Acrescentou, ainda, que a Casa do Algarve, muito prazer teve em o elevar à categoria de sócio de mérito.

Seguidamente, o sr. major Mateus Moreno agradeceu a personalidade do sr. dr. Garcia Domingues, como professor, bolseiro do Instituto de Alta Cultura e presidente da comissão cultural da Casa do Algarve, com uma obra de relevo na imprensa em defesa do património artístico algarvio; e o sr. Neves Franco, secretário da direcção, leu dezenas de telegramas de adesão à homenagem e agradeceu à Imprensa de Lisboa e Porto a propaganda feita a propósito da recente excursão ao Algarve, realizada pela instituição.

Por entre demoradas ovações, o sr. dr. Mário Lyster Franco colocou uma fita no estandarte da Casa do Algarve, oferecida pela Imprensa algarvia, e, por sua vez, o sr. major Mateus Moreno entregou ao sr. dr. Mário Lyster Franco um quadro oferecido pelo sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, presidente honorário da Casa, presentemente em Roma. O sr. dr. Sousa Carrusca dirigiu saudações à Imprensa algarvia e aos homenageados, e saudou, igualmente, os srs. drs. João Almendra e Jaime Lopes Dias, grandes figuras do regionalismo português.

Vários oradores tiveram palavras de apreço para os homenageados

O sr. José de Moraes Sarmiento Honrado traçou o perfil do nosso prezado colaborador José Barão, salientando o muito que este tem feito por Vila Real de Santo António, seu berço natal, e dizendo, em seguida, para terminar:

« Bem haja o eng. Arantes e Oliveira, por haver ouvido os rogos dos algarvios, que há tanto tempo clamavam, ansiando ver satisfeita uma das suas mais legítimas aspirações.

Foi, sem dúvida, a acção conjunta de alguns que possibilitou a materialização deste anseio vilarrense. Mas parece-me justo destacar, dentre aqueles que, de alma e coração, se lançaram na empresa de dotar Vila Real de Santo António com uma doca de pesca, o nome de um vilarrense de raça — José Barão.

Parece-me chegado, pois, — proseguiu — o momento próprio para a vila pombalina agradecer a José Barão, a propósito da construção da sua doca de pesca, o muito, o imenso que tem lutado pela sua terra. A ingratidão ou, pelo menos, o esquecimento não devem nem podem ser tributos a pagar a José Barão. Ele vive, como estou certo poucos viverão, os problemas da sua terra, oferecendo para a resolução deles a sua inteligência, o seu dinamismo e a sua persistência.

Falaram, a seguir, os srs. Ventura Abrantes, Cristiano Lima, associando-se entusiasticamente às considerações dos oradores antecedentes; dr. João Almendra, que considerou a reunião uma manifestação forte e sincera de devoção patriótica, traduzindo amor à terra onde se nasceu; Jerónimo Marcos e dr. Jaime Lopes Dias, que felicitou os homenageados, afirmando considerar uma honra estar entre os algarvios. O jornalista Pinto Quartim agradeceu as referências feitas à Imprensa de Lisboa e Porto.

Dos homenageados, o primeiro a agradecer foi o sr. dr. J. D. Garcia Domingues, que descreveu o que tem sido a acção jornalística em defesa do Algarve, divulgando as suas belezas e apontando necessidades, entre as quais a restauração de monumentos e a criação de uma universidade em Faro.

José Barão louvou a acção do pequeno jornal de província

Seguiu-se o nosso estimado colaborador José Barão, que antecedeu as suas considerações com um viva ao Algarve. Agradeceu e considerou justa a homenagem à Imprensa algarvia, que tão briosamente tem batalhado pelos interesses da província e teve para os amigos, camaradas e outras pessoas ali presentes palavras de estima e de reconhecimento. Do seu discurso notámos as seguin-

tes passagens mais expressivas, que registamos a seguir:

Homenageia-se, em nós, a Imprensa algarvia. Uma atitude bonita da Casa do Algarve, que encontrou a maior simpatia, como se verifica pela presença de V. Ex.ªs. Nós aqui não passamos de um pretexto para se premiaremos esses esforçados e quase ignorados jornalistas amadores que labutam, com sacrifício dos seus interesses, da sua saúde e não poucas vezes da sua tranquilidade, pelo prestígio da sua província ou da sua terra, pela defesa do bem-estar material do seu povo e pela elevação do nível cultural e moral do agregado onde a sua acção mais directamente se faz sentir. Parte de V. Ex.ªs ignora o sacrifício que representa a publicação de um pequeno jornal de província. Eu também fui jornalista amador. E por isso sei bem, sei ao vivo, o sacrifício, a devoção, quase heroísmo em muitos casos, que são necessários para publicar e manter uma gazeta provinciana. O director, quando o director sente verdadeiramente devoção pelo seu jornal, quando este é um produto do seu instinto e da sua paixão, faz tudo, meus senhores. Escreve, revê, endereça, carrega com os papéis, faz a cobrança, angaria anúncios e às vezes até varre a redacção e distribui o jornal. E depois deste trabalho esgotante, não lhe faltam muitas vezes os aborrecimentos e os incómodos originados por qualquer lapsus ou por insignificante esquecimento que atinja casualmente alguém que não queira compreender que não houve desconsideração mas apenas uma inibição de memória ou tolerável erro de interpretação. Se nós, os profissionais, com função definida e treino activo, praticamos às vezes esses esquecimentos, como não os hão-de praticar os amadores, a quem falta, em muitos casos, sólida intuição e a prática de um ofício tão complexo como é o do jornalismo? Porque este ofício, eu me atrevo a afirmá-lo, minhas senhoras e meus senhores, nunca se aprende em toda a sua plenitude. Há sempre aspectos novos, há sempre alguma coisa que aprender no convívio diário. Se é assim para um profissional, como não o será, mais agravado, para um amador?

Falou, por último, a encerrar o almoço, o sr. coronel Sousa Rosal Júnior, que declarou ter-se inscrito para aquela homenagem a quatro comprovancianos por a considerar justa; e que, no Parlamento, a sua preocupação é defender o Algarve. Elogiou a função da Imprensa e disse que a Casa do Algarve, numa fiel interpretação do que é o regionalismo, é um campo neutral, onde os algarvios, todos os algarvios, se encontram dominados pelos mesmos sentimentos de amizade e boa compreensão.

As crónicas injustas ao pequeno jornal

« Se no jornalzinho provinciano — proseguiu — se deixa passar alguma gralha disparatada ou se nota interpretação errônea de um facto, não falta a crítica depreciativa do leitor, acompanhada no geral por um adjectivo pouco lisonjeiro. Ora a verdade é que têm que se desculpar tais falhas, que não são exclusivas do jornal de província nem, de modo nenhum, devem contribuir para o seu desprestígio. Os grandes jornais sofrem os mesmos percalços. E alguns têm sido bem graves!»

« O pequeno jornal de província é uma instituição meritória. Muitos, que foram ou são grandes jornalistas e ocuparam ou ocupam nas letras posições de culminância, fizeram os seus primeiros ensaios literários na modesta folha da sua terra, da sua escola ou da sua região. Ai foram aperfeiçoando os seus escritos, autoanalizando as deficiências que surpreendiam na prosa impressa, corrigindo-se, aperfeiçoando-se, até alcançarem, finalmente, um grau de segurança invejável. Muitos valores literários nunca se teriam revelado se não fora o jornalzinho de província que lhes permitiu ensaiar a sua capacidade, dar largas a uma inquietação espiritual, que feneceria ingloriamente se não encontrasse o veículo natural de expansão.

Este um aspecto meritório e não insignificante da gazeta escolar ou de província. Mas há outros aspectos não menos dignos de apreço. Quantos melhoramentos materiais se devem à persistência do jornalista de província; quantos erros tem ele evitado ao dar o seu esclarecimento e o seu conselho; quantas realizações nos domínios da assistência e do espírito, se lhes devem? E impossível um balanço exacto desses benefícios.»

Julão Quintinha sugeriu a criação de um jornal diário no Algarve

Julão Quintinha começou por enaltecer o papel da Imprensa, historiando rapidamente a evolução do jornal e referindo-se, em seguida, ao valor e à influência da pequena Imprensa, apontando como modelo desta os semanários algarvios, nos quais iniciara, há muitos anos, as suas primeiras e modestas experiências de jornalista. E acrescentou:

«Devemos desejar que em todas as cidades e vilas algarvias — sempre que seja possível — exista um semanário, porque uma terra sem a sua Imprensa é como um corpo sem voz... E haverá sempre causas justas e sensatas reclamações a defender.

Mas parece-me, também, que seria oportuno tentarmos a fundação dum Diário no Algarve,

que plenamente se justifica pela sua população, importância industrial, amplitude turística, cultura popular, legítimos interesses económicos e sociais e aspirações a proclamar.

«Em vários distritos do País, há anos que se mantêm jornais diários — em Beja, Évora, Coimbra, Braga, na Madeira, nos Açores, em diversas cidades do Ultramar — só no Algarve ainda não foi possível manter um Diário.»

«Creio que seria relativamente fácil fazer vingar tal iniciativa, se vinte homens de boa vontade se entendessem para lhe dar começo. Não era necessário muito dinheiro. Seria, de início, um pequeno jornal de 4 ou 6 páginas, com o espaço bem aproveitado, mas que, todas as manhãs, daria os Bons-dias aos algarvios e falaria do nosso querido Algarve.»

O sr. dr. Mário Lyster Franco mostrou-se sensibilizado com a homenagem que lhe tributaram e disse que, apesar de contrariedades e desgostos sofridos, tem recido a pena lutar por tudo que se relaciona com o progresso do Algarve. Este continuará, como até aqui, a merecer a devoção e a ternura de todos os seus filhos.

Falou, por último, a encerrar o almoço, o sr. coronel Sousa Rosal Júnior, que declarou ter-se inscrito para aquela homenagem a quatro comprovancianos por a considerar justa; e que, no Parlamento, a sua preocupação é defender o Algarve. Elogiou a função da Imprensa e disse que a Casa do Algarve, numa fiel interpretação do que é o regionalismo, é um campo neutral, onde os algarvios, todos os algarvios, se encontram dominados pelos mesmos sentimentos de amizade e boa compreensão.

Ao findar o seu discurso, o sr. coronel Rosal Júnior ergueu um viva ao Algarve, que foi correspondido com a maior vibração.

## TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Vila Real de Santo António Anúncio

(2.ª Publicação)

No dia 21 do próximo mês de Junho, por 11 horas e na Rua de Aveiro, n.º 25 de policia, desta vila, vai à praça o direito de trespassse do estabelecimento comercial da firma falida de António de Sousa Bonito com todos os bens arrolados que nele se encontram e que constam de louças, vidros, esmaltes, alumínio, etc., pelo valor global de sessenta e cinco mil escudos, que será entregue a quem mais oferecer acima do valor indicado.

São por este notificadas as pessoas a quem a lei reconhecer o direito de preferência para exercê-la, querendo, no acto da praça.

Vila Real de Santo António, 30 de Maio de 1956.

O Sindico,

a) José Manuel Waddington de Mattos Parreira

O Administrador,

a) José Candido Monteiro

O «Noticias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

## A LOTA MAIS CARA DO PAÍS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ficou a dever ao saudoso eng. Duarte Pacheco.

Para mais uma vez provarmos o que afirmamos — isto porque ainda parece haver pessoas em quem subsiste a dúvida — vamos dar números oficiais referentes ao mês passado. Assim, no dia 6, enquanto a sardinha atingiu aqui o preço de 9\$90, o quilo, não alcançou na Ribeira Nova, a lota que depois de nós a pagou mais cara, senão 8\$17 e em Sesimbra 4\$82. No dia 10, vendeu-se a sardinha neste porto ao preço fabuloso de 10\$06, quando o mais alto preço que alcançou em toda a costa não foi além de 7\$97, em Cascais. No dia 11, por exemplo, enquanto a sardinha para molhos e consumo era transaccionada na nossa lota, respectivamente, a 8\$04 e 8\$06, o quilo, aqui próximo de nós, em Olhão, vendia-se, respectivamente,

a 5\$97 e 5\$08, peixe perfeitamente igual. Esta valorização, que se verifica não só na sardinha como em todos os peixes, atrai naturalmente os pescadores, que desejam, como é natural, valorizar o produto do seu trabalho. Por aqui se vê o que representa para a economia de uma região a abertura de uma estrada.

## ACTO LOUVÁVEL

### DUMA FUNCIONARIA MUNICIPAL

No dia 9 do corrente, foi perdida, no Balneário Municipal desta vila, uma carteira que continha uma avultada quantia. A funcionária daquele estabelecimento, sr.ª D. Rita Justo, esposa do sr. José do Nascimento Martins, ao passar revista aos quartos do balneário, encontrou a carteira com os valores, apesar de ser um dia de grande movimento, e fez entrega da mesma à pessoa que provou tê-la perdido.

Se bem que o facto constituísse uma obrigação, aqui o deixamos consignado como exemplo de honestidade digno de ser imitado.

## Casino da Praia da Manta Rota (CACELA)

### EPOCA BALNEAR DE 1956

A Junta de Turismo de Vila Nova de Cacela recebe propostas em carta fechada, para o seu arrendamento (Restaurante e Sala de Baile), para a época de 1956, devendo as mesmas ser entregues na casa do presidente da Junta, até ao dia 1 de Julho de 1956.

Vila Nova de Cacela, 15 de Junho de 1956.

O presidente da Junta de Turismo,

a) Hilderico do Nascimento Pires

## Às Fábricas de Conservas

Armazém de mercearias com uma boa rede de vendedores na praça de Lisboa e Arredores, aceita representação de boa fábrica de conservas.

Carta para: COLMEIA

Calçada Marquês de Abrantes, 130 — LISBOA

## UTILIZE NOS SEUS TRABALHOS

AS



PRODUTOS DA

FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES

« EXCELSIOR »

DE

J. A. HONRADO & CALLADO, L.ª

TRAVESSA DO GIESTAL, N.º 4-LISBOA

DEPOSITÁRIO EM VILA REAL DE SANTO ANTONIO

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

obra de outrem, como fonte de inspiração...

Mas se, por pouco que seja, nos atemos a penetrar no âmago de tal dogmazinho, vê-lo-emos dissipar-se com uma miragem sem consistência, falsíssima em si e, pedagogicamente, de funestíssimas consequências...

Assim, figuremo-nos Giotto desenhando, como fazia, uma das ovelhas do seu rebanho. Era uma certa ovelha que ele imitava da Natureza, como se ela fosse já obra alheia. Em que pode diferir, isto, de ele ter tomado para modelo uma ovelha pintada num quadro de outrem?

Ressalta assim que a atitude de Giotto não pode ter sido a de quem está copiando, da Natureza ou de outrem; mas sim, realmente a de quem, apoiando-se no dado da Natureza como obra alheia, — uma ovelha de tal ou tal forma, cor, etc. — trata de fazer obra pessoal com as faculdades que possui, geniais ou mediocres. Se é um génio, fonte de novidade imponente, fará obra genial; mas, se um mediocre, obra banal, e se um nulo, não passará então da cópia servil, mero artifício que pode ser habilíssimo no género, mas que não fará obra de verdadeira arte, com o carácter estético pessoal *sine quo non*.

Pouco importa, pois, (reconhecer-se-á), qual seja o modelo, — coisa da Natureza ou produto já da arte de alguém: para o artista o modelo não passa nunca de simples pretexto para a eclosão da sua obra estética pessoal. Parecendo que copiaria, ele abandona sempre, fatalmente, o modelo, transformando-o por obra e graça da genialidade ou da mediocridade que em si pulsa.

Notar-se-á, todavia, que, se os produtos artísticos em certa época seguem a via da imitação servil dum certo modelo, quase uma espécie de fabricação, a razão pode bem não estar na incapacidade pessoal dos artistas, mas sim na concordância de gosto da sua parte com os modelos que seguem, ou no seu conformismo, por qualquer motivo (inclusivê o financeiro), com uma certa espécie de gosto dominante na clientela que paga, preferindo o artista *la bonne chère* a uma vida de sacrifícios...

Outros certamente há que, sendo, de seu, nulos ou quase, bem se esforçam por recusar copiar os modelos alheios e mesmo a famosa Natureza-Mãe; e assim, por qualquer motivo idiossincrásico, enfiam decididamente pela via da abstracção mais ou menos cerebral, pretendendo tirar partido dessas novidades que a clientela pública está desejando, segundo pensam, ou que eles, tão voluntários quanto vácuos de génio ou talento, pretendem impor como novidade de gosto estético, criando moda...

Nenhum receio, pois, para um artista que tem génio e gosto com o segredo do futuro, de copiar ou tomar como modelo seja o que for e seja de quem for, desde que se aplique a tomá-lo apenas como apoio ou pretexto para explicitar o que tem em si, no sentido de criar obra de gosto próprio e não, proposadamente, decalque fotográfico servil.

Vê-se assim a volta que levou o famoso paradoxo... O grande Leonardo sabia certamente bem o que dizia e que pelas suas obras praticou; mas, à falta do esclarecimento indispensável, as suas palavras, como sentença, representam um contra-senso perigoso. *Quod erat demonstrandum.*

Francisco Fernandes Lopes

Dr. Luís Bernardino da Silva

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

mente falecido em Lisboa.

A memória é constituída por um pequeno e artístico obelisco, onde figurarão, em bronze, um medalhão com a effigie, em baixo-relevo, do homenageado, e uma legenda com palavras de saudade, e será colocado no pequeno jardim que se encontra junto do Hospital daquela vila.

É autor do projecto, cuja maquete já se encontra concluída, devendo, em breve, ser exposta ao público, o distinto architecto sr. Herminio Beato de Oliveira, professor do liceu de Faro.

Com o mesmo propósito de angariar donativos, formar-se-ão comissões noutras localidades do Algarve. Entretanto, todos os amigos e admiradores do saudoso dr. Luís Bernardino da Silva que desejarem contribuir para a homenagem que vai ser-lhe prestada, podem enviar, desde já, os seus donativos para o sr. José Reis Viegas da Silva, em Olhão.

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA



BOCAS DE REGA

## Meditação ante um lago de água azul

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

água, a vida animal não existiria. E tanto assim que ela nunca foi mencionada na evolução da existência humana, porque é intrínseca a esta. Houve uma era da pedra, houve uma era do bronze, houve uma era do ferro e parece que há agora a era atómica. Nunca houve uma era da água porque ninguém a poderia assinalar. O elemento líquido era basililar para o aparecimento da vida. Sem ele nada existiria, a não serem a rocha seca e as areias mortas. Presente-se e compreende-se, portanto, o respeito e a veneração dos primeiros homens pela água. É possível, talvez—visto que só muito mais tarde conheceu o fogo— que fosse esta o primeiro objecto de uma incipiente religião, já que é da condição humana estimar ou venerar coisas materiais ou coisas sobrenaturais, tão fráglil, é, no que a estas últimas respeita, a consciência e a serenidade do homem sobre o seu destino.

Se não houve uma era da água, como não a poderia haver, há, no entanto, uma civilização da água. Parece-nos que a mais expressiva é aquela que se documenta no vale do Nilo, no aproveitamento que a remota civilização egípcia fez das águas do seu grande rio. E não há dúvida de que se pode hoje aferir o progresso de um povo pelo aproveitamento que ele faz do elemento líquido. Estes pensamentos vieram ao nosso cérebro ao presenciarmos, há dias, a barragem de Silves e ao avaliarmos a riqueza e o bem-estar que aquele muro de argila e pedra aprisiona. Aquela água azul e tranquila, onde apetece navegar em barquinho veleiro, água que escorria inútilmente para o mar, não perdendo a sua condição humilde de água, obteve a valorização do sangue. E tal como este fornece ao corpo humano as maravilhas da vitalidade, assim ela, deslizando por um meandro de artérias que totaliza quase dez léguas, vai enriquecer um corpo pobre, franzino, ressequido. E o que até agora não passava de terra sedenta, ingrata e feia, que de má vontade correspondia ao sacrifício e amor do homem, vai transformar-se em campina mimosa e verdejante, sorrindo-lhe e agradecendo-

-lhe o sangue fresco que lhe matará a sede e que lhe permitirá cobrir a sua nudez áspera da verdura e da suavidade do manto vegetal. E em paga deste carinho, a terra lhe oferecerá o pão de que ele precisa, lhe despejará no regaço, como os velhos deuses da mitologia, a cornucópia dos primores, da abundância da felicidade.

Do comboio, a caminho da nossa terra, pude abranger, a partir da estação de Castro Marim, essa vasta planície de sapal que vai morrer na orla do Guadiana. Estava coberta de restolho e cortada de caprichosos veios de água salobra. E pus-me a pensar na riqueza que ali está a dormir, à espera que a mão do homem a transforme, pelo tratamento e pela irrigação, num dos maiores tesouros deste recanto sota-ventino. É uma pequena parte dos sapais do Guadiana, mas só esta pequena parte alimentaria milhares de bocas, quer no cultivo da terra quer na industrialização dos seus produtos. Em vez daquele restolho seco, antevisionei os pomares verdejantes carregados de fruta e os pomares hortícolas que centenas de mãos recolhiam e iam conduzindo, em cabazes, para os camiões, que daí a pouco os levariam para as fábricas e destas, manipulados e rotulados de lindas cores, irradiariam pelo mundo. E antevisionei, também, a transformação do camponês indigente, remediado e triste, olhando o chão duro e seco que mal lhe dá uma fatia de pão, no camponês alegre, as botas enlameadas, afaeigado em encaminhar a água para os seus canteiros verdejantes e gritando à mulher e aos filhos que se apressem na recolha dos tesouros do seu campo generoso e amigo. E vi também, fechando os olhos, projectar-se à luz poente, não uma figura alquebrada e desiludida que procura a pobre choça para se estender, mas o perfil do homem desempenado e forte, alegre de viver, que acredita nas bondades da terra e do céu e que tranquilamente regressa à sua casa, cumprida a missão dignificante de um dia de trabalho, sabendo que nela encontra, com abundância, o pão e com fartura, a alegria.

E tudo isto, se não nos esquecerem, poderá um dia ser não uma visão, mas

## ALGUMAS NOTAS SOBRE JOÃO PENHA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

do, Sousa Viterbo e outros, muitos outros que se tresnoitavam com João Penha para animarem a tasca do «Homem do Gás» — um gigante patuleia e temente a Deus, que Penha, por espírito de malandrice, transformou em republicano e herege!

Fora do espirito das tertúlias, e longe da época dos exames, a estudantada apaixonada arrumava as sebetas e entregava-se a arrancar das líras poéticas uns sons de arrastado romantismo! Penha, contudo, fugiu a este figurino tradicional. E mesmo quando perdido nos cantos de certa artista — a Lebouys — não deixou de vincar o seu estilo, que era só seu. No soneto que lhe dedicou, com o título «A uma rabequista», demonstra-nos, além duma originalidade excepcional, o seu desdém pelos preconceitos, enquadrando esse sentimento num tema de poesia, demais a mais amorosa:

«Dera um quartilho do meu sangue azul (Oh meus avós, estremecei na camp) Por dar-te um beijo no chapim taful Que esconde um pé de se gravar na [estampa].»

A originalidade destes versos impressionou vivamente Eça de Queiroz, que, em carta dirigida a João Penha, confessava:

«Li há pouco uma poesia tua à Lebouys. Uma das quadras é admirável: a do sangue azul. Notei que tu eras em Portugal capaz de introduzir a nova escola francesa.»

A poesia de Penha vive intensamente do jogo dos contrastes e do imprevisto. O poeta, românticamente, vai delineando os seus versos e... quando tem quase uma obra prima concluída, revolta-se contra o seu próprio processo, arrepende-se, liberta-se da ideia que o inspirou e... dá cabo de tudo na linha final!

Esta maneira de agir não encontra paralelo na poesia portuguesa. Camilo levou-a à conta duma excentricidade, filha dum materialismo exacerbado. No seu «Cancioneiro de poetas portugueses e brasileiros», o Mestre elogia-lhe os esplendores sonetos mas... é induzido em erro quando ao retrato psicológico da pessoa que os concebeu:

«João Penha — diz-nos Camilo — não é um grande lambão de ideias. Até desconfo que não tem no cérebro um grão de incenso que arda no altar do amor. A vida figurou-se-lhe um carnaval, e ele vestiu-se de sonetos como um domíno.»

No seu aspecto genérico, esta análise é magistral. Deveremos apenas ressaltar a parte que se refere ao amor. Por via deste é que Penha mascarava os seus versos. Com toda a sua autoridade, Gonçalves Crespo diz-nos:

«Ora João Penha sabia o dicionário e conhecia perfeitamente a gramática, e teve paixões — sofreu, amou e padeceu — sob a veste jogralesca e facetada dos seus primorosos sonetos sente-se estremeecer um coração; no mármore esplêndido daquelas estátuas, que parece que se contorcem numa expressão de alegria brutal e dóida, como a dança de Carpeaux, escorrem e se cristalizam lágrimas de sangue.»

Com efeito, a influência feminina adivinha-se em quase todos os versos do poeta. O amor mal correspondido constitui a ideia fundamental, embora velada, que os determina. Para tanto, debruçemo-nos sobre este exemplo, onde se desenha o perfil duma pérfida namorada:

Que prodígio de esplêndida beleza! Que lábios! Que sorriso! Que olhar pie- [dosol] Onde esconderas a gentil nudeza.

Até aqui nada de extraordinário, a não ser o facto da «diva» estar em «gentil nudeza», portanto nua! Mas daqui em diante o poeta, que pueira a sua bela sentada nas margens do Mondego,

uma realidade. E oxalá eu possa, como em Silves, contar as peripécias grandiosas desse dia e descrever com minúcia quantas léguas de canais percorrerão as terras reconquistadas, porque me parece que a comoção não me há-de consentir descrever a alegria que irá no coração de tanta gente — sobretudo daquela que vê com o erguer do Sol, em cada manhã, a sombria dúvida do dia que começa. — J. B.

## JULIÃO QUINTINHA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pério Vátua e Mouzinho de Albuquerque», «África Misteriosa» e «Oiro Africano». Trechos das suas obras é frequente encontrarem-se em selectas aprovadas no ensino.

Tem-se imposto, também, na difícil modalidade literária, o conto, de que já publicou «Vizinhos do Mar», «Terras de Fogos», «Cavalcada do Sonho» e «Novela Africana».

A sua prosa é sempre fluente, quer nas reportagens, como em «Terras de Sol e de Febre», quer em estudos críticos, como no volume intitulado «Imagens da Actualidade».

O seu espirito multiforme sentiu-se também atraído pelo Teatro, e, como dramaturgo, escreveu já duas peças em 3 actos: «Provinciana» e «Rumba», sendo esta aceite no Teatro Nacional.

A sua actividade como conferencista tem sido notável. No jornalismo, o seu maior campo de acção tem-se estendido a vários diários, desde redactor a chefe de redacção, colaborando ainda, assiduamente, no «Diário do Alentejo», digamos, mesmo, diariamente, neste jornal, no «Primeiro de Janeiro», no «Notícias», de Lourenço Marques, e na «Tribuna», do Brasil.

Como propagandista do Algarve, a sua acção tem sido ilimitada, tanto em jornais como em revistas, pois, em Julião Quintinha, as belezas e os valores da nossa Província encontram sempre uma alma aberta disposta a todos os sacrifícios para os enaltecer e os tornar conhecidos.

Raramente via Julião Quintinha em cafés da Baixa. Se desejava encontrá-lo, procurava-o, de manhã, na redacção dos jornais onde trabalhava; à tarde, na «Revista de Turismo» e à noite, em sua casa. Depois, do jantar, ficava no seu gabinete de trabalho rodeado de milhares de livros, que se estendiam por mais dois compartimentos. Na sala-ta, onde geralmente me recebia, viam-se curiosos objectos de arte negra, trazidos de África, numerosos quadros a óleo, de consagrados pintores, e algumas estatuetas de real valor.

Tem Julião Quintinha bem vincada a sua forte personalidade de artista no vigor das suas afirmações, onde muitas vezes pairam sonhos de verdadeiro idealista. As suas palavras encerram um mundo de beleza e nelas arde sempre a chama de um grande coração.

Odemira — Junho Vergílio Passos

## CIDADE IDEAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

silêncio costumado e os velhos aninhavam-se na sombra das árvores, ouvindo a música das águas...

Não me perguntes o nome da cidade, que se me apagou da memória!... E não contes a ninguém esta inofensiva história, porque o mundo vive uma época em que é ridícula qualquer afirmação de ideal, e só se escutam as afirmações coloridas dos que desejam parecer fortes... e as palavras ambiciosas dos que sonham com montes de ouro.

(trecho duma carta sem destino)

Julião Quintinha

Assina e propaga «Noticias do Algarve»

cai em si e... sentindo-se incompreendido no seu amor, parte a lira e resolve vingar-se. Eis o terceto final:

Ai perdi, desde então, paz e sossego, Se estavas tão graciosa em tal postura E comias um paio de Lamego!

Penha não era namorado que desse o seu braço a torcer. Há sempre nele uma aparência de triunfo a esconder a derrota, uma gargalhada forçada mas cristalina, uma orgia acompanhada de ovos mexidos e... paio! O paio andava sempre muito presente nos seus versos. Vejamos o fragmento doutro soneto:

Quando há pouco a teus pés (oh quadro lindo!) Te disse o meu amor em doce esmaio Senti do paraizo o gozo infindo Oh camenas agrícolas, cantal-o!

Ela, a minha formosa, ela fugindo Deixou-me o coração, deixou-me o paio.

Mais uma vez se revela o mesmo processo de «revanche». Veja-se como o poeta se idealiza postado aos pés daquela que não lhe entregou o coração para, em seguida, a ferir de morte com o paio... o paio tradicional das suas vinganças.

Vingança é ainda aquele outro soneto que, para melhor servir o leitor, vou copiar na íntegra. Este não tem paio, mas é magistral:

Eis-me livre, qual ave nos espaços! Rompi os elos da fatal cadeia! Da escura taça de amargura cheia Restam somente os húmidos pedaços.

Trazia a face triste, os olhos baços Do continuo pensar na mesma ideia! E a morte que na orgia entre nós ceia Já me estendia os carcomidos braços.

Andava qual a mísera andorinha Em torno da serpente sedutora E nem vergonha das injúrias tinha!

Maç que bela alvorada encantadora Que novas melodias... Vida és minhaj Eis-me liberto, enfim!... Adeus, senhoral

Este soneto é, sem dúvida, excelente balsamo para qualquer alma incompreendida pelo amor; um hino de encorajamento aos que não sabem dominar as crises do coração. Penha foi mestre nesta arte de reagir. Daí, olhando à vida que levava e rememorando as suas dores íntimas, achou razoável escrever:

Teci-me, oh bardos tristes, o epicélio Cantae na lira o vate merencório Que ao mundo fuge por fugir do tédio, Cantae-me a vida, e o sonho transitório! Cantae, enquanto à dor busco remédio Nos largos panelões do refeitório

Os amores, os panelões, as orgias e, até, a poesia, tudo João Penha afogou nas águas do Mondego em 1875, ano da sua formatura em Direito. Roldo de saudades, montou banca em Braga e aí se deixou envolver, minado pela doença, pelo esquecimento e pela miséria.

Os seus primorosos sonetos foram editados em 1892, sob o título de «Rimas», obra dividida em 4 partes: «Vinho e Fel», «Violão nocturno», «Onofre» e «Lira de Pangloss».

O poeta faleceu em 1919.

J. Silva Carvalho

## NA PASSAGEM DO 3.º ANIVERSÁRIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

grato amorismo jornalístico da chamada pequena Imprensa.

Todavia, e pondo de parte a hipocrisiazinha da falsa modestia, cremos poder afirmar que, durante os três anos percorridos, o «Noticias do Algarve», pela sua esforçada atitude de defesa regionalista, de divulgação cultural e, de uma maneira geral, pela constante acção de presença nos principais problemas e nas mais importantes questões que interessam não só a esta região como a todo o Algarve, conquistou uma posição a que correspondem mais vastos deveres e maiores responsabilidades.

A eles procuraremos responder com a boa vontade de sempre e de superior intenção: a de servir lealmente a nossa terra.

J. A. Dias Pena